



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO - FAC
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**

**MEMORIAL DO FILME ESPERANÇA CAMELÔ
Histórias e conflitos da profissão camelô na Rodoviária do Plano Piloto em Brasília/DF**

PEDRO HENRIQUE CARVALHO ALENCAR

BRASÍLIA

2018

PEDRO HENRIQUE CARVALHO ALENCAR

**MEMORIAL DO FILME A ESPERANÇA CAMELÔ:
Histórias e conflitos da profissão camelô na Rodoviária do Plano Piloto em Brasília/DF**

Projeto descritivo do trabalho apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional

Orientadora Prof. Dra. Fernanda Martinelli

PEDRO HENRIQUE CARVALHO ALENCAR

MEMORIAL DO FILME A ESPERANÇA CAMELÔ
Histórias e conflitos da profissão camelô na Rodoviária do Plano Piloto em Brasília/DF

Memorial descritivo do trabalho apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Fernanda Casagrande Martinelli Lima Granja Xavier da Silva
ORIENTADORA

Prof. Elton Bruno Pinheiro
BANCA

Profa. Érika Bauer de Oliveira
BANCA

Profa. Ellis Regina Araújo da Silva
SUPLENTE

Brasília, 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os integrantes deste registro, especialmente àquelas corajosas pessoas que relataram suas histórias de vida, contribuindo para a reflexão e para a concretização da pesquisa, permitindo a utilização das gravações, viabilizando a realização do filme propriamente dito. O projeto em questão é fruto de conversas, vivências e apoios profissionais, então devo essa relevante contribuição à minha formação a essas pessoas.

Agradeço imensamente aos meus familiares, uma família grande e unida, todo amor investido em mim e em meus projetos. Depois, a todos os amigos colaboradores, cinegrafistas, produtores, editores, artistas, que construíram este projeto. Fabrício que me buscou e levou a diferentes localidades. Aos amigos de encontro (ENECOM 2018).

Vai um grande agradecimento também a minha companheira Daphne que colaborou no projeto e acompanhou minhas inquietudes ultimamente. Agradeço a minha professora orientadora Fernanda Martinelli, que me acolheu e complexificou minha pesquisa. Ao professor Elton Bruno Pinheiro que leu este trabalho minuciosamente e o engrandeceu com sua sensibilidade. Agradeço também à professora Érika Bauer de Oliveira pelas contribuições do olhar de uma grande cineasta. Gratidão total pelos aprendizados vindos da Batalha da Escada, coletivamente evoluímos.

RESUMO

O filme documental que compõe este memorial narra histórias e conflitos sobre o trabalho informal. Gravado na Rodoviária do Plano Piloto em Brasília e com inspiração etnográfica, o registro contempla os paradoxos da globalização, que se materializam como “globalitarismo”, nas palavras de Milton Santos, para milhares de trabalhadores informais no Brasil. A partir de discussões sobre o universo da profissão de camelô, especialmente sobre a fiscalização, a rua e a pirataria, exploro no filme diferentes e, às vezes, contraditórios significados dessas expressões. As entrevistas ocorreram em feiras populares, entre os camelôs que se organizam como vendedores na plataforma superior da rodoviária do Plano Piloto, na Feira dos Importados em Brasília e no Mercado Ver-o-Peso em Belém do Pará. No estudo que compõe este memorial apresento dados quantitativos (IBGE, BSA, Oxfam, Agefis.), e descrevo o trabalho de pesquisa de campo para execução do documentário a partir da observação e entrevistas realizadas nas localidades citadas. Assim, o camelô brasileiro é estudado em números, imagens e depoimentos dos mesmos, em perspectiva com a difícil realidade do mercado de trabalho e dessa profissão. São retratados trabalhadores mais antigos na profissão, que buscaram e conquistaram dignidade a partir de seu exercício e organizam seus projetos de vida como camelôs, assim como profissionais que exercem esse ofício há pouco tempo e que organizam seus projetos de vida para deixarem de ser camelô. Nesse cenário emergem temas como o desemprego, a pobreza e a repressão policial. São abordadas as novas dinâmicas de consumo, bem como os processos produtivos atuais do capitalismo, que transformam e impactam o trabalho e/ou emprego dos personagens. Desenvolvo uma reflexão sobre a visão dos próprios camelôs sobre a pirataria, sobre o trabalho nas ruas, seus significados simbólicos relacionados à divisão de classes sociais e aos espaços urbanísticos em Brasília.

Palavras-chave: Vídeo Documentário. Camelôs. Rodoviária do Plano Piloto. Informalidade. Pirataria.

ABSTRACT

The movie that integrates this memorial narrates stories and conflicts about informal work. Recorded at the Rodoviária do Plano Piloto in Brasília and with ethnographic inspiration, the recording contemplates globalization's paradoxes, that materializes itself as "Globalitarism" in the words of Milton Santos, for thousands of informal workers in Brazil. Starting from the discussions about the world of the "camelô"'s profession, specially regarding fiscalization, streets and piracy, I explore different, and sometimes contradictory, meanings of this expressions. The interviews and recordings occurred in popular fairs, among the "camelôs" that organizes themselves as sellers at the Superior Platform of the Rodoviária do Plano Piloto, the Feira dos Importados in Brasília, and at the Ver-o-Peso market at Belém do Pará. In the studies that integrates this memorial I present quantitative data, (IBGE, BSA, Oxfam, Agefis), and describe the work of field research for the execution of this documentary starting from the observation of the interviews collected at the previously stated locations. Having that said, the brazilian "camelô" is studied in numbers, images and testimonies of themselves put in perspective with the tough job market and professional realities. Older workers are pictured in the movie, people that seeked and conquered dignity from their labour and organize their lives as "camelôs" as well as newcomers that face this profession as one step in the ladder for their life plans and then leave it behind. Subjects such as unemployment, poverty and police repression emerge all along the movie. The movie adresses new dynamics about consumption, as well as capitalism's today's productive processes that transform or impact the work and the employment of the characters. I develop a reflection about the "camelôs" view about piracy about street work and it's symbolic meanings related to the class division and urban spaces in Brasília.

Sumário

1. Introdução	7
2. Problema de Pesquisa	11
3. Objetivos	18
4. Justificativa	19
5. Argumento	24
5. Referencial Teórico	26
5.1 Trabalho Informal.....	26
5.2 Globalizações.....	29
5.3 Pirataria.....	31
6. Procedimentos Metodológicos	35
6.1 Formato e Análise Audiovisual.....	35
6.2 Camelôs e Entrevista.....	37
6.3 Ver-o-Peso-Belém(PA).....	39
6.4 Rodoviária do Plano Piloto (DF)	43
6.5 Pré-Produção.....	45
6.6 Produção.....	46
6.7 Pós-Produção.....	47
7. Considerações Finais	49
8. Referências	52
9. Apêndices	56

Introdução

Esperança é o oposto de otimismo. Otimismo é quando, sendo primavera do lado de fora, nasce a primavera do lado de dentro. Esperança é quando, sendo seca absoluta do lado de fora, continuam as fontes a borbulhar dentro do coração.

Rubem Alves

Sou filho de Violeiro, sou Músico, minha primeira composição foi feita para minha irmã, Ana Cláudia, aos 8 anos de idade. Portanto, minha relação com a música está em meu gene e em minha história. Além disso, compor traduz-se em uma manifestação artística quase terapêutica para mim. Há cerca de 2 anos, a fim de produzir minhas canções, venho me aproximando e me apaixonando pelo mundo dos programas de produção audiovisual, o que também me levou, a partir da utilização de uma linguagem de experimentação, a realizar o documentário. Sempre me inquietaram bastante as possibilidades oferecidas pelas tecnologias da informação, as quais atualmente vêm reconfigurando nosso tempo, trabalho e cultura. Assim, me deparei com o tema pirataria e com a vontade de estudá-lo sob a ótica do direito de acesso à informação e à cultura. A partir da pesquisa de campo que apresentou caminhos, pude redefinir e recortar o objeto de estudo, que passou a ser trabalho informal autônomo.

O fato de ir às ruas me fez constatar uma questão atual e contundente: a realidade de crise política, midiática e econômica tem efeitos principalmente sobre os trabalhadores mais vulneráveis da cadeia produtiva, projetando uma crise do emprego. A reforma trabalhista implantada pelo governo de Michel Temer em novembro de 2017 recuou nos direitos previstos na Consolidação das Leis do Trabalho, permitindo negociações nas relações laborais, aumento do período máximo da jornada diária de trabalho, desconsiderando períodos para descanso, transporte, alimentação e higiene pessoal, desprotegendo os trabalhadores mais vulneráveis da cadeia produtiva.

Assim, pela emergência de uma nova precarização das condições do trabalho, pela inquietação em mim gerada pelos retrocessos no âmbito social admitidos pela vigente política de estado, realizei, em forma audiovisual, uma reflexão sobre determinado trabalhador integrante da base da pirâmide social nas cidades de Belém/PA e Brasília/DF.

Fui para locais representativos das camadas populares, feiras, centros urbanos, rodoviárias, observando os recortes de classe existentes nestes espaços, com destaque para os depoimentos biográficos e as falas sobre as relações com a fiscalização. Conversei com autônomos que começaram logo cedo a trabalhar vendendo sacos e sacolas no centro comercial do Ver-o-Peso em Belém do Pará. Dessa forma, a sacola do camelô tornou-se um símbolo que me inspirou durante a pesquisa de campo. Achei emblemático que a sacola, que representa a própria circulação na origem material, não seria propriamente a mercadoria, mas uma ferramenta de trabalho comercializada.

A etimologia da palavra camelô, diga-se umas das profissões mais antigas do mundo e ainda estabelecida na atualidade, talvez tenha relação com as sacolas. A expressão surge provavelmente do termo *kameleos*, do grego, variando para *camelot*, do francês, encontrado na categoria dos tecidos em dicionários e enciclopédias, talvez pela ligação dos grandes panos e sacolas que transportavam mercadorias (MOLLIER, 2009, p.49). Assim, sugere a posição do trabalhador andarilho ao carregar seu material nas costas curvadas, como um camelo. (MOLLIER, 2009, p.49). Em essência, o trabalhador informal por conta própria é ambulante, é itinerante. O que caracteriza os camelôs da rodoviária de Brasília é o fato de trabalharem na rua, sem carteira assinada, por conta própria, sujeitos a vulnerabilidades, sobrevivendo sem direitos trabalhistas básicos e suportando a repressão normativa empreendida pela Polícia e pela AGEFIS¹ (Agência de Fiscalização do Distrito Federal).

Ao realizar as entrevistas na rodoviária, ouvi dos camelôs, com muita frequência, o termo “trabalho fichado”, que se refere à relação de emprego com carteira assinada, asseguradora da percepção dos direitos sociais. A fim de justificar a permanência nesta profissão, referendando seus projetos pessoais, os personagens falam do fator exploração da força de trabalho por terceiro, bem como sobre o longo tempo de duração da jornada de trabalho, pontos criticados e apontados como fortes motivos para não trabalharem formalmente (fichados).

A reforma trabalhista (Lei 13.467/2017) mudou normas da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), representando um retrocesso de direitos duramente conquistados. Nessa

¹ Órgão que fiscaliza as ocupações irregulares do solo no Distrito Federal, realiza as retiradas de comércios, construções, casas desde de 2008. Ver Lei nº 4.150/08.

reforma, novas imposições (ou a falta delas), especialmente no que se relaciona com o tempo de trabalho, prejudicam os trabalhadores. Menciona-se como exemplo, que com as reformas não se contará o tempo de deslocamento do trabalhador, bem como o tempo de alimentação ou de higiene pessoal, como parte da jornada de trabalho. Por meio dessa estratégia, o legislador intencionou que somente o tempo relacionado direta e especificamente ao trabalho propriamente dito deve ser cronometrado como período laboral, o que desumaniza o emprego e os empregados.

A noção de tempo é uma das confusões de percepção trazidas pela globalização, a monetarização da vida social que Milton Santos define passa por aí. O tempo de não atarefamento é um privilégio de alguns, para não dizer luxo de poucos. O tempo é fator determinante nos projetos e nos grandes projetos. Dessa forma, considero um paralelo entre dois conceitos de projeto, primeiro na esfera pessoal dos camelôs, com os conceitos de Gilberto Velho (1994), que nos traz a noção de metamorfose da realidade do sujeito, exposto à complexa sociedade moderna do tempo presente, impulsionada pelas novidades tecnológicas e suas cargas simbólicas:

Os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social existencial, em termos amplos. (VELHO,1994, p.48).

E em uma outra perspectiva, penso no conceito de grande projeto, nos termos do professor Gustavo Lins Ribeiro (2008). Busco relacioná-lo abarcando as noções de ideologias e formas de produção. Lins delinea o conceito de grande projeto quando fala de Brasília e das formas de exploração da força de trabalho:

São formas vinculadas a um aumento da exploração via extensão ou via intensificação da jornada (viradas ou tarefas, por exemplo) que permitiram instaurar o ritmo de trabalho, possibilitando a inauguração da capital federal em 21 de abril de 1960. (RIBEIRO, 2008, p.153).

O livro “O Capital da Esperança, a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília”, de Gustavo Lins Ribeiro, me inspirou a escolher o título Esperança Camelô para o filme documental. É possível traçar uma linha relacional, tendo como princípio ideológico o grande projeto, a globalização e territorialidades, entre os antigos candangos e os camelôs contemporâneos. Ambos estiveram sujeitos à precarização no mercado de trabalho, modificando seus projetos individuais conforme a metamorfose de seus campos de possibilidades. A ideologia dos grandes projetos não morreu! Por uma circunstância histórica, ela organiza e reorganiza a cidade de Brasília.

O projeto de pesquisa foi produzido em 3 partes. Por ordem de gravação, a primeira parte se passa em Belém do Pará, no mercado Ver-o-Peso, local em que entrevistei 6 autônomos: Rosanie, Moisés, Wellinton, Sandro, Augusto, Josimar. A segunda parte se passa na Feira dos Importados, em Brasília, onde entrevistei Alexandre. No terceiro bloco, foram entrevistados trabalhadores informais na Rodoviária do Plano Piloto, local que sedia a locação do filme apresentado, com destaque para plataforma superior entre a rodoviária e o *shopping* Conjunto Nacional, também em Brasília. Ali entrevistei Cícera, Willian, Guilherme, Yuri, Antônio, Rosilene, Eliziane, Mirian, Luiz, Ivelino, pessoas que trabalham informalmente com conteúdo pirata ou não. Busquei investigar de forma crítica o que levou os personagens ao trabalho de camelô.

Busquei dados para pensar o trabalho, o desemprego, o perfil dos trabalhadores, a fiscalização. Ao final, realizei reflexões sobre a pirataria, o que ela tem de particular e de partilhado com o trabalho dos camelôs, em especial o seu caráter público ou popular, as significações próprias dos comunicadores-personagens, a relação com a rua.

Foi um grande desafio produzir um olhar sensível sobre esses sujeitos, sobre tantas questões mencionadas e circunstâncias individuais muitas vezes extremas, o que acrescentou experiências e aprendizados determinantes à minha vida e formação. Ao conhecer melhor o trabalho de camelô, conheci vários batalhadores que inspiram minha vontade de promover o humanismo e direcionar meu trabalho para a mudança social. Pais e mães de família, outros sem família em busca de uma vida digna. Sendo privilegiado com uma família maravilhosa e uma vida econômica estável, eu pude me reelaborar um pouco, mergulhar em autorreflexão ao

me aproximar de tal realidade e assim compreendê-la mais, desvendando estigmas projetados sobre os camelôs.

Esse trabalho homenageia o emblemático trabalhador brasileiro, conhecido como sacoleiro, camelô, informal, pirata, feirante, que atravessa os tempos desempenhando um trabalho marginalizado. São empreendedores sem oportunidades, sobreviventes do desemprego e bons comunicadores e comerciantes por necessidade. Muitos deles tem orgulho de suas trajetórias de profissão. Sem negar as dificuldades, contam como construíram suas vidas, conquistaram vontades. Sandro, camelô há mais de 30 anos no Ver-o-Peso conta: “Por isso que eu te falo, eu acho que o melhor emprego que tem aqui em Belém é esse aqui, emprego autônomo. Olha a minha filha faz faculdade, ela faz 2 anos de enfermagem. A outra faz 2 anos de educação física.”

Problema de Pesquisa

Este trabalho pretende problematizar e refletir sobre a seguinte questão: Como o documentário contribui para des(en)cobrir as contradições que estão envolvidas nos estigmas e representações do camelô? Muitos são os significados para esta sentença e o tema do trabalho informal é inesgotável, porém, de forma crítica, escolhi investigar o recorte do problema orientado pelos termos Camelô, Fiscalização e Pirataria. A produção de um vídeo documentário a pesquisa do projeto intencionam fazer vir à tona outro saber sobre os modos de comunicação na rua desses trabalhadores autônomos, seus projetos pessoais, vivências e opiniões sobre questões que tensionam suas práticas, como pirataria e fiscalização. Contribuir dessa forma para des(en)cobrir as contradições, colaborar na melhoria e visibilização das condições profissionais, das pautas próprias daqueles que desempenham sua atividade naquele espaço.

Compreendi os trabalhadores autônomos que trabalham para o público, definição que está de acordo com os critérios da Organização Internacional do Trabalho (OIT) contidos na Recomendação aprovada na 15ª Conferência de Estatísticos do Trabalho, em 1993. Dessa forma define-se como Autônomo:

Autônomo para o público: é identificado como a pessoa que explora seu próprio negócio ou ofício, sozinho ou com sócio(s) ou ainda com a ajuda de trabalhador(es) familiar(es) e eventualmente tem algum ajudante remunerado em períodos de maior volume de trabalho. O indivíduo classificado nessa categoria presta seus serviços diretamente ao consumidor, sem usar a intermediação de uma empresa ou pessoa. (JAKOBSEN, MARTINS, DOMBROWSKI Mapa do Trabalho Informal, 2000, p.8)

De forma geral os entrevistados na Rodoviária do Plano Piloto caracterizam-se por trabalharem sozinhos e eventualmente com a ajuda de outros ambulantes para cuidar de suas mercadorias. Trabalhando na informalidade e irregularmente, dificilmente têm condições de remunerar alguém, já que reclamam da escassez de vendas e dos altos impostos.

Muitos dos personagens afirmam ter iniciado o trabalho informal em razão da falta de oportunidade de emprego formal. De fato, pesquisas apontam queda no emprego com carteira assinada, como a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED 2017/2018), que evidenciou também aumento no trabalho por conta própria. Uma leitura importante para o problema em questão foi “O Mapa do Trabalho Informal em São Paulo”, que evidenciou características de um problema complexo e também revelou mudanças no sistema produtivo em grandes metrópoles. Fatores de mudança, como as crescentes relações comerciais de prestação de serviços, podem ser observadas e assumidas para pensar os desdobramentos do vigente modelo desenvolvimentista econômico:

Embora o crescimento do desemprego seja um dos principais fatores responsáveis pelo aumento da informalidade, ele não é o único. Nos últimos anos, a cidade de São Paulo vem passando por mudanças em seu perfil produtivo, tendo diminuída sua capacidade industrial e convertendo-se numa cidade prestadora de serviços. (JAKOBSEN, 2000, p.5)

As pesquisas do IBGE aplicadas pela Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) seguem os seguintes critérios a respeito do cálculo da taxa de desocupação; segundo análise do jornal Nexo: A taxa de desocupação é calculada em cima da chamada força de trabalho, e não da população total do país ou do número de pessoas aptas a trabalhar. Uma pessoa que não trabalha e desistiu de procurar não entra na conta. (NEXO, 2018).

Portanto, o IBGE identifica uma parte do objeto de estudo de pesquisa como trabalhador por conta própria, que em 2017 aumentou 1,1 milhão enquanto o trabalho de carteira assinada abaixou 685 mil em relação ao mesmo período do ano anterior. Também houve um aumento expressivo em relação a 2016, que foi a taxa de ocupação aumentando em 1,8 milhões. Sobre este tema, Cimar Azeredo, Coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, dá o seguinte depoimento para o jornal Nexo:

Existe claramente uma entrada expressiva de pessoas trabalhando principalmente em ocupações voltadas para a informalidade. Não temos ainda recuperação da carteira, não existe qualquer indício disso. Qualidade do emprego gerado, portanto, é questionável. (NEXO, 2018)

A Organização Internacional do Trabalho afirma que “quase dois terços da força de trabalho global estão na economia informal.” (OIT, 2018). Portanto, a questão da informalidade está generalizada pelo globo, com destaque para países em desenvolvimento e os países emergentes.

Ivelino Florindo, camelô que trabalha na Rodoviária do Plano Piloto debate e compara o emprego fichado ao informal: “Se me contratar para ganhar dois mil reais por mês, para trabalhar fichado, eu não quero.” Outros fatores como o fato de não ter patrão, horário flexível e remuneração melhor em relação ao mercado de trabalho estruturado, aparecem na nossa e em outras conversas. O acesso aos benefícios trabalhistas é um grande diferencial na perspectiva de Márcio Souza de Lima que vende cuecas e calcinhas na rua: “Na rua é bom que ninguém manda, mas tem uma ocasião que no tempo que você adocece, quebra uma perna ou fica gripado, não tem benefício para te apoiar.”

Condições extremas vividas por muitos dos trabalhadores ambulantes representam em parte um problema severo na história brasileira, marcada pela exploração do trabalho e desigualdades de oportunidades. Um dos empecilhos para os trabalhadores mais pobres é o sistema tributário brasileiro, que taxa a população numa proporção maior para atividades ligadas ao consumo e serviços, prejudicando principalmente a porção mais pobre da sociedade. Segundo a Organização Internacional Oxfam, em relatório publicado em 2017:

Os 10% mais pobres do Brasil gastam 32% de sua renda com tributos; os 10% mais ricos, 21% [...] mantida a tendência dos últimos 20 anos, os negros só terão

equiparação salarial com os brancos no Brasil em 2089 – 200 anos depois da abolição da escravidão. (OXFAM, 2017).

Para pensar como se (des)organizou o mercado de trabalho no Brasil, Tania Bettiol traz a noção de empregabilidade determinada por aceleradas transformações históricas e restabelecimento de processos produtivos, baseada na conversão de uma lógica individualista presente no mercado de trabalho antes apontada por Hobsbawn (1994). A historiadora aponta:

O conceito e a noção de empregabilidade dessa forma entendido reforça a necessidade de novos conhecimentos, impondo ao trabalhador a (re)qualificação para que possa ser continuamente trabalhador, assim a construção da defesa da aquisição de treinamentos e o investimento em educação e formação, são elementos importantes no desenvolvimento social. (BETTIOL, 2009, p.17)

Nos grandes centros urbanos acontece o acirramento da competitividade. Nessa perspectiva, o termo empreendedorismo associa-se com a ideologia neoliberal ligada a capacitação e autonomia no mercado de trabalho, reafirmando uma suposta independência do trabalhador frente às crises ligadas ao emprego. Bettiol complementa:

Dessa forma o discurso dominante passa a integrar ideologicamente a noção do empreendedorismo ou “auto emprego” “patrão de si mesmo” uma alternativa em função das altas taxas de desemprego e subemprego, criando assim, a empregabilidade como meio de legitimar um problema relacionado ao mercado de trabalho. (BETTIOL, 2009, p.17)

O caso de Belém, que é abrangido no recorte desta pesquisa, mostra reflexos históricos da lógica brasileira de empregabilidade de mão de obra no curso da história. Ali os grandes projetos da construção civil, da mineração e do extrativismo implicaram grande degradação natural, com o extrativismo e produção de energia na Amazônia tendo a exploração da força de trabalho como motor empregado nos grandes projetos. Em entrevista realizada com o professor Paulo Roberto Ferreira em Belém, ele comenta o desenvolvimento da região, particularmente do Estado do Pará, afirmando que foi fomentado através dos grandes projetos, implicando destruição da floresta, rápida atração de mão de obra para empregos temporários, e complementa:

E é mais grave do que isso, todos os recursos minerais são isentos de pagamentos de tributos que possam ficar aqui, a chamada desoneração fiscal. [...] O que fica de royalties é insignificante perante a desorganização tanto do espaço como da questão do tecido social. (FERREIRA, 2018)

Os projetos desenvolvimentistas, quase que de forma cíclica, organizam e desorganizam o mercado de trabalho se encararmos este por uma perspectiva não hegemônica. Bettiol conclui:

Há que se considerar nesse estudo sobre a história da informalidade do trabalho no Brasil, a existência de aspectos de extrema contradição; urbanização acelerada acompanhada de forte concentração da pobreza, as diferenças de renda e de acesso ao emprego formal ou setor estruturado que está a cada dia mais difícil nos dias atuais. (BETTIOL, 2009, p.17/18)

Com base no estudo que trata dos grandes projetos no Pará: “Grandes projetos de desenvolvimento e implicações sobre as populações locais: o caso da usina de Belo Monte e a população de Altamira” (SAIFI e DAGNINO, 2011), fala-se desse ideário de desenvolvimentismo frente aos seus impactos naturais e sociais:

Afirma-se que se trata de um projeto de inversão de capital voltado para os interesses do grande capital nacional e internacional, na medida em que, de acordo com especialistas, só se justifica se for para fornecer energia a mega-projetos de mineração na região, com vistas a elevar as exportações de commodities minerárias, o que significa concentrar e especializar ainda mais a economia da região. (SAIFI e DAGNINO, 2011 p.13)

E que mostra uma compreensão nas estruturas sociais de que:

Envolve uma necessidade de desconstrução de paradigmas que por largo tempo foram, e ainda são hegemônicos; no caso, o paradigma de desenvolvimento atrelado ao crescimento econômico e ao aumento nos indicadores de consumo por parte da população. (SAIFI e DAGNINO, 2011, p.14)

Os sentidos ideológicos de projetos desenvolvimentistas capitalistas, como a transamazônica e a cidade de Brasília, representaram a busca por mão de obra na construção

civil, a cooptação para explorações trabalhistas. Ribeiro fala sobre as características dos processos históricos trabalhistas no caso da construção de Brasília. O autor descreve o processo da construção de Brasília pela ótica dos construtores da cidade, que inclusive não tiveram o direito de morar na cidade. Divide seu livro *O Capital da Esperança, A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília* em 4 capítulos: 1 - Trabalhadores, 2 - O Acampamento, 3 - O Trabalho, 4 - Os conflitos. A capital da república foi idealizada a partir do projeto de interiorização do Brasil, localizar a capital, o centro dos poderes do país no centro do território. Após os processos migratórios para a materialização do sonho de Brasília, como relatado em seus estudos sobre a cidade, é descrito o trabalho incessante, condições estruturais precárias e a informalidade presente nas relações trabalhistas, refletindo diversas mazelas sociais na forma de produção de grandes projetos (RIBEIRO, 2008).

O antropólogo sistematizou a recorrência de processos próprios das construções dos grandes projetos, caracterizados pela implementação de um sistema de produção baseado em um ritmo de trabalho desproporcional, imprimido em articulação do estado e empresas privadas. Ribeiro aponta: “Em grande medida, tal superexploração está apoiada em formas de remuneração por produção. O que significa, para a experiência dos trabalhadores, uma grande eficácia do fetichismo do salário.” (RIBEIRO, 2008, p.265).

Muitos desses sujeitos responsáveis pela construção da cidade, vindos de diversas regiões do país atrás de uma vida melhor, viram seus projetos individuais ruírem. Pregando o conformismo, o projeto de estado expulsou os “candangos” desassistidos como nordestinos para periferias regionais (RIBEIRO, 2008, p. 236.)

Segundo Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios 2015 da Codeplan, a parcela migratória mostra a proporção de nordestinos na Ceilândia de 2015:

Conforme levantamento dos residentes na RA IX, 51,67% do contingente populacional é nascido no Distrito Federal, enquanto 48,33% são constituídos por imigrantes. Deste total, 68,40% são naturais do Nordeste; 15,04% do Sudeste, 11,93%, do Centro-Oeste (menos DF); 3,80% vieram do Norte e 0,63% do Sul. Em relação à origem por estados, Piauí é o mais representativo, 14,61%, seguido por Bahia, 12,51% e Maranhão, 11,97% (PNAD, 2015, p.21)

A precarização do trabalho é antiga, camuflada nos projetos desenvolvimentistas e transformou o grande projeto Brasília em realidade. Atualmente, Brasília é um símbolo de higienização. A setorização e o planejamento insuficiente revelam seus problemas sociais

agudos. Para exemplificar esta segregação espacial da cidade, observamos o bairro Sol Nascente, região que fica dentro da região administrativa da Ceilândia, constituindo uma periferia dentro de outra. O local fica a uma distância de mais de 50 quilômetros do centro de Brasília. No Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, o Distrito Federal, em razão do Sol Nascente, foi classificado como detentor da maior favela da América Latina, superando a conhecida Rocinha no Rio de Janeiro.

Nessa perspectiva de cidade que controla pelas distâncias e reprime quase tudo que vai contra seu projeto urbanístico original, a pesquisa trouxe reflexões sobre as motivações do trabalho informal na rodoviária, localizada no centro da capital. Os personagens entrevistados na rodoviária são moradores das regiões administrativas do Distrito Federal. Muitos camelôs vieram de outras regiões do país e do mundo, como relatado pelos autônomos e também pelo representante da AGEFIS, Paulo Vieira Santos, que aponta: “Tem muita entrada de ambulantes estrangeiros, e eles não respeitam a fiscalização e nem a polícia [...] você tem chineses, você tem africanos, bolivianos, e você tem mexicanos aqui na rodoviária.”

Diariamente e publicamente os personagens enfrentam no movimento do centro de Brasília a repressão pela Polícia e pela AGEFIS. Quando entrevistei Paulo, na sede da AGEFIS da Rodoviária do Plano Piloto, ele me explicou como funcionava a fiscalização, os procedimentos e os propósitos. Como efeito da fiscalização realizada pela AGEFIS e pela Polícia, ele confirma que: “O que o estado faz pode não ser muito, mas ainda dá para as pessoas caminhar, dá para as pessoas ver locais limpos”, e descreve como é feita a fiscalização na rodoviária:

É retirada a mercadoria dele, é trazida para cá, para este local, e aqui na presença dele vai ser feito um auto de apreensão, esse auto de apreensão vai constar tudo aquilo que está sendo apreendido e ele vai assinar esse auto de apreensão. E ele sendo identificado, ele leva uma multa no cpf dele, uma multa como se diz... tributária. 3900 reais, por aí posso estar até enganado quanto ao valor mais chega mais ou menos nesse ponto aí. E aí vai para o depósito. Fica à disposição da pessoa que perdeu a mercadoria, ele apresenta a nota fiscal e aí vai pagar os custos. Que custos são estes, a questão da quilometragem que foi gasta pelo veículo, a quantidade de pessoas envolvidas na operação vai ser feito um cálculo. (PAULO VIEIRA SANTOS, 2018).

Tendo esse apanhado de perspectivas históricas, sociais e culturais, a confecção do filme vem na contramão das narrativas hegemônicas, para promover as pautas sociais desses

sujeitos. A invisibilização dos camelôs e a precarização do mercado de trabalho não são estabelecidas somente nas mídias, mas também se mostra presente na rua. Simbolicamente, o espaço público é controlado, revelando um conflito sistêmico entre fiscalização e camelôs. Iuri Faria Araújo, formado em administração, ex-funcionário do Banco do Brasil e atualmente camelô, aponta “se deixar muito liberado também vira bagunça.” Ou como sugestiona Willian Costa, que é natural de Belém: “Se cada camelo pagasse por mês uma taxa de 30 reais 50 reais, mensais, acho que acabava com isso. Porque aqui ninguém paga nada, não paga imposto não paga nada. Então é por isso que eles pega, corre atrás da gente e toma a nossa mercadoria.”

Vendo isso, é de fundamental importância produzir novas narrativas, oriundas de pessoas com propriedade para tratarem do tema, em lugar de narrativas de especialistas e estudiosos do trabalho, estas distantes da realidade cotidiana da profissão de camelô.

Objetivos

O grande objetivo da pesquisa é investigar a relação dos personagens com o trabalho autônomo informal, evidenciando assim dados e informações sobre a profissão, como também uma reflexão crítica sobre o tema. Ao tratar do filme, intencionou produzir um vídeo ideológico e experimental, projetando um olhar sociocultural para o fortalecimento de narrativas contra-hegemônicas. Escolhi o modelo vídeo documental curto em razão da possibilidade de projetar meus esforços de pesquisa e produção para um projeto que será distribuído de forma livre e acessível em conformidade com as dinâmicas da internet.

Este projeto não objetiva ser apresentado em sua última versão, o filme é um piloto que vai ser desenvolvido em suas lacunas para assim ser finalizado. O trabalho audiovisual é minucioso, a construção de uma obra artística como um filme exige tempo maior do que o período semestral, além de equipe e dinheiro envolvidos em sua produção. A partir destes fatores, este projeto define-se como o início de uma caminhada no infundável caminho para compreensão dos camelôs e suas realidades.

Justificativa

Para conhecer a figura do camelô, importante dizer que suas habilidades de comunicador, de sujeito público, de ator político e de mercador são relatadas na história. Pelos espaços de circulação franceses durante a Belle Époque, período de precedeu as grandes guerras, aproximadamente entre 1871 e 1914, o comerciante ambulante já se mostrava como um agente social transformador:

Enquanto a oralidade parece recuar em proveito da comunicação escrita, a troca verbal encontra aqui o espaço que ocupava antes no campo ou na cidade. Interpelando o transeunte, louvando os méritos de sua última invenção - o descascador de cenoura ou o pente de chifre inquebrável -, ou incitando-o a vaiar Ferry ou Zola, a enterrar simbolicamente Jules Grévy ou a cantarolar uma melodia da moda, o camelô era onipresente na metrópole. Vetor de surtos de febre nacionalistas na época do boulangismo ou do caso Drayfus, [...] Ele é um poderoso mediador entre os agitadores e as multidões. (MOLLIER, 2009, p.9)

Na Bela Époque não só foi criada uma polícia especializada para combater as atividades dos camelôs, como foi implantada a censura pelo controle do papel. Então, pode-se pensar que essas figuras foram compreendidas como eficientes comunicadores, pois faziam panfletagem, mediações políticas na rua, provocando com o corpo o ajuntamento das multidões. Justificando-se pela defesa da ordem e moral, os camelôs foram acusados pelo governo de proliferar mentiras, tornando-se alvo do controle arbitrário na época. (MOLIER, 2009, p.55)

A partir de sua força de trabalho e do êxito em seus projetos, o trabalhador informal baseia sua progressiva atividade de vendas na rua. Dessa forma, baixos investimentos possíveis graças ao barateamento das mercadorias ou até “segurar o ponto” de outros camelôs durante a noite no centro da capital dão base ao início das atividades nesta profissão.

Na Rodoviária do Plano Piloto, em Brasília, existe uma grande circulação de pessoas, pelo centro passam trabalhadores vindos dos diferentes pontos do Distrito Federal. A Rodoviária simboliza um grande centro popular, demarca um grande embarcadouro urbano do transporte público na capital. O grande volume do público transeunte representa a sustentação das vendas dos informais, por esse motivo a localidade já era palco de vendas há anos atrás

como me conta Rosilene Melo, ela diz que antigamente os camelôs tinham espaço adequado no estacionamento ao lado da plataforma superior em frente ao Conjunto Nacional. Na época, organizados a partir de uma associação os trabalhadores foram realocados para o *shopping* Popular, mas de acordo com ela não deu certo então voltaram para Rodoviária de forma irregular. Rosilene ainda sugere a abertura das galerias e outros espaços mal utilizados para uso dos camelôs pagando uma taxa pro governo.

O carácter público de ser camelô, de se trabalhar na rua onde a massa trabalhadora passa, a acessibilidade de seus serviços e preços baixos de suas mercadorias os aproximam do povo, ao passo que essa atividade emancipam-os financeiramente e também em suas liberdades. Em uma sociedade transformada pelo consumo, em seus modos de produção e distribuição a profissão de camelô permanece viva na história:

Se os camelôs do século XXI enfrentam fortes concorrentes, com o desenvolvimento dos meios modernos de comunicação e entretenimento, eles ainda podem contar com a devoção das populações menos favorecidas que buscam o seu comércio. (MOLLIER, 2009, p.11)

O referido autor pondera a relação entre esse personagem caricato da Bela Época da França com os trabalhadores autônomos informais de hoje. O camelô em seu ofício histórico aproveitou dos inventos tecnológicos, como por exemplo a fotografia e o cinema, do movimento das atividades culturais, mas principalmente da produção de bens de consumo a partir da mecanização do trabalho. Promoveram, portanto, o abastecimento da informação, da cultura e da arte no final do século XXI.

Como narrado por Mollier, os camelôs foram trabalhadores fundamentais na democratização da informação com todo tipo de literatura de rua, bem como a promoção dos assuntos políticos na rua.

Organizando-se em sindicatos, esses mercadores especializados no entretenimento, na descontração dos habitantes da cidade tentavam proteger-se contra as investidas da polícia ou dos defensores da moral pública empenhados em limpar a rua de todas as impurezas. (MOLLIER, 2009, p.14.)

A globalização expandiu linhas de produção, barateou mercadorias, interligou continentes, projetou marcas. Os camelôs aproveitam disto. Compram o que está vendendo,

artigos eletrônicos fabricados na China, sombrinhas nas épocas de chuva, tiras de sandálias de borracha e tênis falsificados, e vários produtos de baixo custo vindos principalmente das grandes indústrias asiáticas.

Observou-se no depoimento da camelô Rosilene Melo de Sá uma insatisfação com a sua relação institucional com a Rodoviária para ter um local apropriado para se trabalhar: “Gente que nunca trabalhou aqui tem lojas enormes na rodoviária e a gente que trabalha a vida e ano não consegue.”

Outro depoimento complementar à entrevista com Rosilene é o do personagem Ivelino Florindo, que chegou no meio da entrevista curioso e quis falar: “Quem defende essa galera aqui?”, contribuindo com uma reflexão de classe quando compara a situação de alguns vendedores autorizados a trabalharem na rodoviária com a sua situação e a dos demais que correm da fiscalização apenas pelo fato de não terem dinheiro. E finaliza: “Sempre será o tempo de Robin Hood, os ricos cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobres.”

Essa zona geográfica de alta circulação em meio a esplanada dos ministérios é integrada entre dois outros grandes centros comerciais, o *shopping* Conjunto Nacional e o Conic. A questão da territorialidade é marcada aqui pela proximidade com o comércio formalizado, seja em lojas da rodoviária ou do Conjunto Nacional. O grande *shopping center* é um símbolo dos desdobramentos do capitalismo e do consumismo, sendo referido por alguns entrevistados como uma prisão ou um espaço seletivo. O shopping Conjunto Nacional é um dos mais populares em Brasília. Tem sua fachada composta por logomarcas, de forma que a estrutura constituiu um outdoor em si.

Outro aspecto importante da relação dos comerciantes informais com a população são os gritos de socorro, como Paulo Santos nos conta: “O ambulante não grita pro outro ambulante, ele grita pra população ajudar ele e parece que sempre a população está à disposição para fazer esse debate conosco.”

De acordo com o regimento interno da AGEFIS, na SEÇÃO XIII da Superintendência de Fiscalização de Atividades Econômicas, “Art. 27. Compete: I- planejar, coordenar, e supervisionar a fiscalização da localização e funcionamento das atividades econômicas, auxiliares e atividades sem fins lucrativos, sujeitas à autorização do poder público, em áreas públicas e privadas;”. Essa determinação é principalmente o que provoca o “corre-corre” nas vias da Rodoviária.

A Agência de Fiscalização do Distrito Federal – AGEFIS foi criada pela Lei nº 4.150/2008, unidade de direção superior, atua em conformidade com o Decreto 37.239/2016:

“Art. 3º São objetivos estratégicos da Política de Fiscalização de Atividades Urbanas:

I - zelar pelo uso e ocupação ordenada do território;

II - preservar a integridade do patrimônio cultural e ambiental;

III - exercer o controle urbanístico e edilício do território, visando à sustentabilidade;

IV - propiciar o controle e o monitoramento integrado, sistemático e contínuo do território;

V - “Buscar a eficiência, a eficácia e a efetividade na fiscalização de atividades urbanas e ambientais”.

Foram requeridos para este projeto, com base na lei de acesso à informação, os seguintes dados relativos à Agência de Fiscalização do Distrito Federal, conforme pedido protocolado na plataforma:

Para fins de pesquisa acadêmica refaço o pedido de acesso à informação, agora com as devidas especificações:

-Qual é a média mensal da arrecadação geral da AGEFIS? E por ano?

-Quero solicitar os dados em números para cada especificação: dos autos de infração, embargo e interdição e taxas, referentes à categoria maior; Atividades Econômicas. Em década e ano. Em reais.

-Para o caso da especificação embargo e interdição, dentro da categoria atividade econômica quero solicitar o número de quantas mercadorias são resgatadas após a apreensão, quantas por mês ou ano. Em relação às não recuperadas, se houver. Em relação a todos registros, em ano se houver.

-Para o caso da especificação autos de infração, dentro da categoria atividade econômica necessito acessar o número de casos de autos de apreensão pela AGEFIS, e se houver o dado específico na unidade da Rodoviária, e se possível as demais características destes autos que estejam tabuladas e disponíveis ao cidadão.

A fim de caracterizar o objeto de pesquisa, a partir dos dados solicitados à AGEFIS, tinha-se o propósito de investigar a relação dos personagens com a realidade do trabalho nas ruas, procurando compreender quem são eles hoje. Nesse sentido, buscou-se entender qual o

perfil de comportamento em relação à fiscalização com indagações como: Quantos sujeitos pagam para recuperar suas mercadorias; quanto o órgão arrecada para as ações de apreensão; quanto é a arrecadação mensal geral. Contudo, o pedido de informações foi respondido da seguinte forma:

“Prezado Cidadão, Infelizmente não poderemos atendê-lo devido a quantidade de dados a serem tabulados, seu pedido foi feito de uma forma genérica que demandaria um tempo que extrapola ao prazo concedido pelo E-Sic. Dessa forma pedimos desculpas. Atenciosamente, Equipe E-Sic/ AGEFIS”

Mesmo após conversar com um representante da AGEFIS, de tirar dúvidas pela plataforma para refazer devidamente o pedido de acesso à informação não obtive sucesso.

Sinopse

O som crescente de relógios reverbera entre as identidades dos personagens. Assim, o filme documental inicia-se com ambientação espacial de imagens aéreas do centro Brasília. A fotografia cuida de trazer o espectador para a vista contemplativa de cima do centro da capital. Primeiro em um plano mais aberto, mostrando a grande passarela da Rodoviária do Plano Piloto e a esplanada dos ministérios ao fundo, centro dos poderes do Brasil. Depois o plano fecha ao flagrar um camelô somente, momentos que as imagens desaceleram e aceleram frequentemente. Depois o drone viaja por cima das pessoas que transitam pela passarela. Enquanto é feito um panorama visual do território de trabalho dos personagens, eles comentam a vida de camelô. Depoimentos nos contextualizam nas identidades dos sujeitos entrevistados, são eles: Márcio Souza de Lima, Iuri Faria Araújo, Antônio de Montier, Eliziene, Antônio Carlos Rodrigues de Souza, Willian Costa, Rosilene Melo de Sá, Ivelino Florindo, Cícera Alves, Alexandre, Luiz Lucena Pacheco, e outros. Na rodoviária em Brasília acontecem atividades comerciais no chão sobre panos e banquetas improvisadas. O movimento de pessoas nesse embarcadouro urbano é grande e contínuo. Os camelôs aproveitam para montar sua loja e desfrutar dessa visibilidade meio à volumosa população transeunte. A personagem chave Rosilene, fala da questão territorial ligada à Rodoviária. Nas palavras dela: “É aqui que passa o povo. É aqui que rola o dinheiro.”

O enfoque do projeto caracteriza-se pelas diferentes percepções sobre o trabalho, a fiscalização e a pirataria. São condições próprias e, muitas vezes, adversas ligadas ao

exercício da profissão. Entrevistas são interrompidas pela vinda da Agência de Fiscalização do Distrito Federal. Momento em que é descrito como os camelôs são afetados pelos mecanismos de controle do estado, expondo-se como isso acontece, apresentando registros do que é narrado. É levantada também a questão da pirataria e seus significados para os camelôs. Ela é relacionada com o salário mínimo, com a cobrança de impostos e a tributação e, ainda, com as más condições do mercado de trabalho.

Por circunstâncias específicas, o trabalho camelô e suas significações organizam os projetos de vida dos personagens. Fala-se de esperança, das motivações em melhorar de vida, melhorar as condições do trabalho de camelô, como também de melhorar as condições de vida para que não seja mais necessário o trabalho de camelô.

Argumento

O filme *Esperança camelô* é narrado por camelôs da Rodoviária do Plano Piloto que, com imponentes vozes em meio ao trânsito se fazem ouvidos, de longe. Seu enredo é construído por histórias e conflitos do universo da profissão no centro urbano da capital brasileira marcada pela desigualdade social evidenciada pelas distâncias. Brasília é vista do alto, representada em sua dicotomia de um grande projeto, apresentando-se como um símbolo do modernismo. Reunindo os poderes federais, a cidade de incríveis edificações e arquitetura em um projeto urbanístico, que teve seu planejamento e construção determinada pela exploração trabalhista. A câmera passeia pelo perímetro da Rodoviária e registra as organizações espaciais estabelecidas ali antes de descer ao solo. Ao fechar os quadros e decrescentemente descer ao chão é flagrada a grande circulação de pessoas que acontece ali. Representa-se a pressa dos transeuntes, a compactação do tempo em imagens de passos ligeiros, da desenvoltura dos informais na rápida montagem e desmontagem da exposição de mercadorias quando gritos anunciam a vinda do policiamento.

Vender na Rodoviária é uma atividade antiga em uma cidade recente. Trabalhadores informais vindos de diferentes partes do Brasil e do mundo estabelecidos no local, contam as suas histórias de vida e falam sobre seus projetos. Nesta narrativa documental os contrastes da cidade apresentam-se materializados nas vidas destes trabalhadores, que, convivem com os

desafios de se trabalhar na rua. A fiscalização coloca obstáculos ao trabalho irregular ali, e a depender da hora as operações funcionam de forma diferente.

Como documentário o projeto pretende investigar os acontecimentos da rua, a cotidianidade e as formas de comunicação ali feitas. Encontra-se na Rodoviária uma atmosfera tumultuosa e de constante insegurança durante a atividade de trabalho destes informais. Atrás de maior visibilidade, o comerciante vai para a movimentada Rodoviária do Plano Piloto vender seus produtos.

A história da profissão camelô tem uma íntima ligação com as atividades culturais e com a música. Faziam da rua seu palanque público na Bela Época parisiense e aproveitavam da grande circulação da rua para promover seu comércio e seus serviços. A performance em espaços públicos talvez fosse maior ato de visibilidade anos atrás. Hoje os transeuntes apressados desviam, desconversam, enxergam, mas não veem os camelôs.

Pela organicidade da rua e a burocratização do trabalho, ser camelô apresenta-se como uma estratégia. Muitos alegam ganhar mais na informalidade, também comentam a liberdade de se trabalhar sem patrão. Bem assim, em diferentes depoimentos os camelôs reiteram a importância da fiscalização “senão vira bagunça”, como disse Iuri Araújo. Outros vários falam da esperança de poder trabalhar em paz, em um local determinado. Muitos querem pagar taxas, mas ponderam que precisam ser menores.

Destaca-se nesta profissão as liberdades de se trabalhar por conta própria. Trabalhar na rua significa muitas vezes o sustento de famílias, mas significa também sobreviver sem direitos trabalhistas básicos. Muitos se orgulham da profissão e de suas trajetórias como comerciantes, explicam o que isso representa em suas vidas. Em contraste fala-se da construção da cidade de Brasília por imagens de arquivo público, e deste grande projeto em obras retoma-se aos projetos pessoais desses trabalhadores, projetos de vida, carregados de simbolismos coletivos e biográficos.

Imagens aceleradas e em câmera lenta instigam a metamorfose da noção do tempo. O tempo como o pensamos é um parâmetro propriamente humano, que está sendo estrategicamente desumanizado pela lógica do sistema hegemônico capitalista. Nesta perspectiva, vislumbra-se noções sobre o tempo em imagens quando é realizado um paralelo entre os antigos candangos e os camelôs contemporâneos com a imagem cedida pelo Arquivo Público do Distrito Federal “Brasília Terra de Todos Nós”. Escutamos o cantor de rua Luiz

Lucena Pacheco que reflete sobre o que ele chama de “doutor ignorante”, expondo suas convicções culturais e por meio de uma bela canção que é um incentivo à não violência.

Dados da Oxfam em texto, abastecem informações determinantes para a compreensão da lógica que estrutura o sistema global hegemônico como sendo tão desigual. Existe um recorte histórico determinante durante a produção, que é o período de eleições acontecendo em paralelo à gravação do filme. Por isso, panfletagens que eram feitas na rodoviária são vistas no filme. Enquanto entrevistava Rosilene, que falava de segregação social, ouvia-se uma espécie de “marxismo de perspectiva vivida” ao tempo em que, ao fundo da imagem, acontecia panfletagem do presidente eleito e, ao conversar com os camelôs, descobri, até mesmo, que campanhas para governador vieram em busca de seu apoio.

Em cenários de crise, os conflitos se manifestam na rua, e visualmente, o volume de trabalhadores na Rodoviária cresce. Dentro dessa perspectiva emergem comunicadores comerciantes trazendo em seus depoimentos valores de esperança.

Referencial teórico

5.1 Trabalho Informal

O trabalho autônomo informal é um típico fato social, conforme o pensamento de Émile Durkheim (2007), precursor da teoria social. Desde antigos tempos, atividades comportamentais da figura de camelô são determinadas pela coerção social, tendo em vista as relações de venda informais, sem garantia certa, na base da confiança e de forma mais extrema pelas instituições de controle do estado, como por exemplo, a Polícia.

A exterioridade deste fato social também é marcada pela necessidade econômica de sustentação de famílias, que trabalham para sobreviver vendendo produtos de interesse do momento. Uma característica que delineia bem o funcionamento desses trabalhos é a função dos atravessadores, que receptam mercadorias com base no que está sendo mais consumido nas ruas.

Os aparelhos de controle do estado, que tentam frear a pirataria e o contrabando, são as justificativas mais plausíveis para se entender o porquê do combate ao trabalho informal

autônomo. Esses argumentos traduzem-se na cobrança de impostos e taxas na primeira esfera e fiscalização na segunda esfera. Com a acentuação do desemprego, com a crescente demanda da mão de obra qualificada ou especializada, bem assim com a desvalorização do salário mínimo, muitos desses sujeitos são colocados à mercê dos impostos, multas e taxas quando vão desenvolver uma atividade comercial por conta própria.

A terceira categoria da população relativamente excedente, a *estag-nada*, forma parte do exército *ativo* do trabalho, mas com ocupação inteiramente irregular. Ela oferece assim ao capital uma fonte inesgotável de força de trabalho disponível. Seu padrão de vida cai abaixo do nível normal da classe trabalhadora e é exatamente isso que a torna uma ampla base para ramos de exploração específicos do capital. Caracterizam-na o máximo de tempo de trabalho e o mínimo de salário (ABRIL CULTURAL, 1982, p.677).

Ao reconhecer e observar os mercados informais, que movimentam a economia mundial, é possível reinterpretar sentidos para o que é global, pirata, legal/ilegal, lícito/ilícito. Gustavo Lins desdobra essa relatividade quando diz que uma mercadoria pode ser lícita até cruzar uma fronteira, mas a partir daí torna-se ilícita (RIBEIRO, 2010). Existem conflitos que dividem mercados como os formais, estabelecidos e lícitos, os informais, invisibilizados e considerados ilícitos.

Olhar para as causas do problema do trabalho autônomo informal mostra-nos relações desiguais de poder nesses conflitos e da existência de uma “globalização popular”, como aponta Gustavo Lins: “Reconhecer que as linhas entre o legal e o ilegal são definidas por relações históricas de poder e pelo exercício de hegemonia não implica uma posição relativista, onde tudo que é ilegal seja aceitável ou que toda legalidade seja absurda.” (RIBEIRO, p.26. 2010).

Na visão marxista, cultivando a mais-valia, o sistema capitalista de produção aproveita o que pode da mecanização e atualização das técnicas, primeiramente, no campo do trabalho, ignorando o limite das jornadas de trabalho, pagando pouco e exigindo muito, de forma a consolidar o alargamento dos lucros. A partir do que Milton Santos classifica como “globalização perversa”, o trabalho é flexibilizado, precarizado e o desemprego cresce exponencialmente. As ruas enchem-se de informais e essas atividades revelam-se como uma estratégia de sobrevivência para grandes parcelas da sociedade.

Segundo o marxismo de Milton, a vida social vem sendo ressignificada pela *tiranía da informação* e a *tiranía do dinheiro*, imposições que legitimam o estabelecimento de

totalitarismos, base que conceitua o globalitarismo. Pelo pensamento de Milton Santos, essa noção já observada de tempo e espaço é um imperativo da globalização, ao passo que as fronteiras, no macro e no micro da sociedade, manifestam-se por grandes contradições.

Mercadorias ultrapassam fronteiras com uma proporção e facilidade diferente de seres humanos, mesmo que estes sujeitos estejam fugidos de guerras ou catástrofes. Muitos desses trabalhadores que me refiro são vindos de outras nações ou regiões do Brasil e, majoritariamente, de outras regiões que não Brasília, entendendo esta como o Plano Piloto e as demais regiões do seu projeto urbanístico.

Gilberto Velho explica um conceito fundamental para o desenvolvimento deste projeto, a noção de campo de possibilidades:

Auxilia-nos a noção de *campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço para *formulação* e implementação de *projetos* [...] as noções de projeto e *campo de possibilidades* podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. (VELHO, 1994, p.40)

Essas noções conceituais contribuíram para a minha observação pois, a partir de um quadro sociocultural mais amplo, composto pelas regionalidades, pelas perspectivas das trajetórias históricas individuais, as esperanças contidas nessas subjetividades também desenham biografias. Em minha análise, Cícera Alves, por exemplo, a fim de renovar seu campo de possibilidades veio do interior do Ceará para buscar viver melhor em Brasília. Ela aponta insatisfação com o mercado de trabalho após sucessivas tentativas de conseguir um emprego. Há aproximadamente um ano ela trabalha vendendo água mineral na Rodoviária. Tanto o seu projeto de casa própria como o de vendedora enfrentaram obstáculos pelas ações da AGEFIS, que também faz derrubadas de casas no Distrito Federal. Ela conta:

“Mês passado meu aluguel ficou atrasado, quando eu tava trabalhando o governo liberou aquelas casas por o banco né, então eu quase perdi a casa. Porque eles tomaram 3 vezes na semana, sabe. E eu pedindo pelo amor de deus para eles largar de mim. Me derrubaram no chão uma vez. Ele tentando puxar pra cá e eu pra cá pra cá pra lá e eu cai, aí quando eu cai eu sem querer empurrei ele, aí me levaram pra delegacia de algema.”

5.2 Globalizações

Localizo meu problema de pesquisa sob duas perspectivas de análise. Primeiro, observando os fluxos de mercado, as circulações, as mercadorias, os sujeitos. Uso a globalização aqui como um sistema global de trocas descrito em detalhes por Gustavo Lins Ribeiro:

É justamente o que o sistema-mundial não hegemônico é: uma composição de várias unidades localizadas em diferentes locais conectados por agentes operando na globalização popular. Esta é formada por redes que operam de maneira articulada e que, em geral, se encontram em diferentes mercados que formam os nós do sistema mundial não hegemônico. Essa articulação cria interconexões que dão um caráter sistêmico a este tipo de globalização e faz com que suas redes tenham alcance de longa distância. O sistema-mundial não hegemônico conecta muitas unidades no mundo por meio de fluxos de informação, pessoas, mercadorias e capital. (RIBEIRO, 2010, p.28).

Em contrapartida, existe um sistema hegemônico mundial centralizador. Ribeiro explica:

O sistema hegemônico reflete a lógica institucional e operativa dos detentores de poder tanto no que diz respeito ao Estado como ao capital privado. Nas últimas décadas, o sistema mundial hegemônico tem sido dominado pelos interesses da globalização capitalista neoliberal. No sistema hegemônico, que guarda relações íntimas com o poder estatal, os agentes econômicos conseguem gerar e manter a aparência para a sociedade como um todo de que detêm o monopólio da legitimidade e legalidade das transações econômicas, mesmo quando envolvidos ou surpreendidos em atividades ilegais. (RIBEIRO, 2010, p.28).

Como segunda perspectiva de análise, é preciso desvendar a fábula da globalização neoliberal propagada pelas mídias, contestando sua legitimidade para além do conto capitalista neoliberal e identificando suas contradições. Remonto à reflexão de Milton Santos, que coloca a economização e a monetarização da vida social como premissas para o funcionamento global do mercado acontecer:

Ao nosso ver, a violência estrutural resulta da presença e das manifestações conjuntas, nessa era da globalização, do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, cuja associação conduz à emergência de novos totalitarismos e permite pensar que vivemos numa época de globalitarismo muito mais que de globalização. (SANTOS,2005, p.27).

No livro “Por uma Outra Globalização” de Milton Santos, 2005, o autor refere-se à “unicidade das técnicas”, fator determinante e potencializador das circunstâncias extremas na era da globalização capitalista. O geógrafo demonstra que vivemos em um momento em que as tecnologias, em especial as referentes à informação, transformam mais rapidamente a sociedade, apontando que técnicas comunicam-se em singularidade:

A cada evolução técnica, uma nova etapa histórica se torna possível. [...] Em nossa época, o que é representativo do sistema de técnicas atual é a chegada da técnica da informação, por meio da cibernética, da informática, da eletrônica. Ela vai permitir duas grandes coisas: a primeira é que as diversas técnicas existentes passam a se comunicar entre elas. A técnica da informação assegura esse comércio, que antes não era possível. Por outro lado, ela tem um papel determinante sobre o uso do tempo, permitindo, em todos os lugares, a convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico. (SANTOS, 2005, p.25).

Ao observarmos o processo da globalização centralizadora já estabelecido, valorizando uma versão de produto, uma marca ou uma instituição fortalecida no ideário capitalista, notam-se desconsiderações da complexidade cultural e social das diferentes regiões do globo em que os mercados circulam e vendem ideias e produtos de forma unilateral (SANTOS, 2005).

A manutenção do modo capitalista de produção embala-se pela atualização das técnicas e pelo excedente da força de trabalho. Importante pontuar aqui que o proletariado constitui a parcela mais produtiva da população, representando também uma reserva e um amparo para as economias neoliberais.

A lógica econômica estruturada no neoliberalismo implicou, no curso da história, quando materializada em projetos de investimento, de facilidades fiscais e com a absoluta pretensão de alargar os lucros e reduzir os custos, desigualdade social e exploração do trabalho.

Em razão do problema do desemprego no Brasil em 2018, tornou-se emergencial debater e enxergar com sensibilidade o direito ao trabalho numa perspectiva cultural, que abarca um olhar sobre as motivações de se ir para as ruas trabalhar por conta própria, bem como os significados da profissão de camelô. Embaso essa assertiva no conceito de projeto desenvolvido por Schutz (2012) e Velho (2003, p.101), os quais o compreendem como as construções de escolhas ou direcionamentos carregados de simbolismo, frutos de uma interlocução sociocultural de significados. Uma conduta organizada guiada pela memória, pela expectativa e pela biografia do sujeito.

Observo e relaciono o entendimento de Milton Santos sobre a percepção do tempo e espaço na globalização, que é veiculada e construída como fábula no imaginário popular pela publicidade capitalista. Sobre o tempo descreve Santos:

Um outro mito é o do espaço e do tempo contraídos, graças, outra vez, aos prodígios da velocidade [...] segundo as possibilidades de cada um, as distâncias têm significações e efeitos diversos e o uso do mesmo relógio não permite igual economia do tempo. (SANTOS, 2000, p. 21).

O mito da compactação do espaço e tempo apontado por Santos mostra que essa questão é relativa e também contraditória, pois a velocidade é restrita aos atores hegemônicos, detentores das tecnologias aprimoradas e também das territorialidades individuais diversas. Nesse sentido, o trabalho integra os projetos de cada sujeito, e conta em relógios diferentes. Para os camelôs, o tempo estabelece outros significados para além da sua validade em dinheiro, como valor de troca. Muitos camelôs confirmam o benefício de se trabalhar organizando o seu próprio tempo. Eles vêm de regiões administrativas distantes do centro do Distrito Federal, de forma que a rodoviária se mostra como um local de rápida locomoção e de grandes volumes de existência de potenciais consumidores.

5.3 Pirataria

Muitos são os sujeitos que, na atualidade, criam, organizam e distribuem bens materiais e não materiais popularmente conhecidos como “piratas”. A falsificação e o consequente barateamento de mercadorias alargaram as possibilidades do trabalhador informal. Grandes fluxos de trabalhadores e de mercadorias em feiras, mercados e ruas, em fóruns e plataformas digitais, proporcionam a disseminação de conteúdos diversos.

Vincular a pirataria a um discurso de punição é uma tarefa constante dos poderes hegemônicos. Assim, o sistema hegemônico de globalização estruturou atividades empresariais multinacionais a partir da precarização do trabalho, intensificando desigualdades. Em busca do acúmulo de capital, essas empresas operam em localidades de incentivo fiscal e mão de obra mais barata possível. Os grandes centros do mercado global como a China e Coréia do Sul são conhecidos pelas denúncias de exploração da força de trabalho, jornadas longas e remunerações mínimas. Desses mesmos centros sai uma volumosa distribuição de mercadorias falsificadas para o globo, abastecendo o sistema não hegemônico. (RIBEIRO, 2009, p.33).

É possível observar tais processos como uma resposta regionalizada às publicidades, à moda e aos serviços em alta no mercado. Isso é refletido em estratégia para o "ganha pão" de feirantes e de pessoas envolvidas com o comércio pirata. No entendimento de alguns entrevistados como Willian Costa e Antônio Carlos, a compreensão da pirataria relacionada ao poder aquisitivo é facilmente notada, de forma que o consumo de bens piratas promove uma classificação das pessoas na sociedade, assim como ocorre com o uso de bens originais de marca. Segundo dito pelo camelô Antônio Carlos Rodrigues: “Como uma pessoa que se veste ganhando um salário mínimo pode comprar uma blusa original, relógio original, um óculos original. Isso é uma verdadeira sem-vergonhice.”

No processo de pesquisa, ao conversar com autônomos pelas ruas, fiz e refiz diversas vezes a pergunta aos interlocutores com quem me deparei: o que você acha da pirataria? Essa indagação resultou em percepções muito diferentes do que é pirataria para cada personagem. Um dos entendimentos do que é pirataria é o que o Willian Costa, que trabalha na plataforma superior da rodoviária, descreveu, exemplificando o preço de um papel de enrolar fumo no comércio pirata comparado ao preço de loja. Ele entende a pirataria como sendo um acesso de baixo custo, um jeito de comprar mais barato.

Outro significado importante para pirataria apareceu na fala do personagem Moisés, que trabalha como autônomo há 43 anos no mercado Ver-o-Peso em Belém do Pará: “É o caboclo fabricar uma mercadoria com sua marca. Aí o cara vai falsificar. O que sai aqui é Nike, Adidas. Eles nem ligam pra isso. Porque caboclo vender é mais motivação pra firma.”

Esse pensamento, relacionado também ao poder de discriminar o que é pirata, norteia-se pela ideia da denúncia da própria marca àquela falsificação. A fiscalização atualmente em Brasília realiza-se a partir desse entendimento. É o que aponta Paulo Santos,

Coordenador da AGEFIS na Rodoviária do Plano Piloto. Ele explicou que o produto pirata é caracterizado quando existe uma denúncia da empresa que se sentiu prejudicada pelo processo de pirataria identificado.

Hoje em dia, observa-se a presença do compartilhamento e da comercialização organizada de produtos “piratas”. Do ambiente físico ao digital, o exemplo de *softwares* de alto custo vendidos a preços populares ou distribuídos de forma gratuita demonstra uma grande parcela dos programas que rodam em computadores brasileiros. A organização Business Software Alliance (BSA), que representa grandes desenvolvedores de software e empresas ligadas a tecnologia, divulgou os seguintes dados de pesquisa no seu site: “39% dos softwares instalados em computadores em todo o mundo em 2015 não estão devidamente licenciados, representando apenas uma redução modesta de 43% no estudo global anterior da BSA em 2013.” (BSA, 2015).

No Brasil, o número de softwares instalados de forma ilegal representou 54% do total do mercado de acordo com o Estudo Global de Pirataria de Software 2010 da BSA. Além disso, outra parte do mesmo estudo recorta a porcentagem dos países em que essa prática é mais presente. Aponta o site da BSA Brasil:

Economias emergentes se tornaram o principal fator impulsionando a pirataria de software. Os índices de pirataria nos emergentes são 2,5 vezes maiores que nos países desenvolvidos e o valor comercial do software pirateado (US\$ 31,9 bilhões) responde por mais da metade do valor total mundial. (BSA, 2011)

Na feira dos Importados de Brasília, por exemplo, encontram-se diversos softwares, quase todos pelo valor de 20 reais, em diferentes lojas. O acesso a esses produtos também acontece bastante pela internet, de forma paga ou não.

A larga circulação e a distribuição de conteúdo vista hoje decorrem, em grande parte, das novas tecnologias da comunicação e da informação, em particular da internet. O problema da pirataria, em especial a digital, pode ser observada como reflexo do movimento de globalização capitalista e afeta diretamente o trabalho, já que a pirataria de *softwares* é muito representativa no Brasil e nos países da América Latina (BSA).

O Brasil também liderou outra pesquisa em 2012 do IPEA como a nação que mais baixou arquivos com direitos autorais naquele ano (IPEA, 2012).

As tecnologias e a cultura do consumo reinventam e estabelecem novos parâmetros para o sistema produtivo a partir de uma lógica de produção e consumo de excedentes. Sobre a crescente dos mercados informais e as causas do barateamento da produção, Gustavo Lins, ao fazer suas considerações finais em *A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico*, analisa os problemas relativos ao sistema global hegemônico:

A diferença entre o valor real do objeto específico e seu extraordinário valor simbólico excedente é o que impulsiona o mercado de cópias de super logomarcas, sempre vendidas, claro, a preços muito menores do que os “originais”. Além do não pagamento de impostos, típico das economias informais, o preço baixo das cópias vem de uma combinação de fatores, entre os quais destaco a superexploração de uma força de trabalho precarizada (em Shenzhen, por exemplo, são migrantes, em geral, recentemente proletarizados. (RIBEIRO, 2010, p.34)

Após a revolução das técnicas da informação e da globalização como experimentamos hoje, cabe uma análise crítica da produção capitalista relacionada ao consumo de bens e serviços. Aponta o antropólogo Gustavo Lins:

Como o capitalismo é baseado na apropriação socialmente sancionada de excedentes, ao denunciar este excedente extraordinário, a “pirataria” tem um potencial subversivo que, como vimos, atinge um dos núcleos duros do capitalismo, ao mesmo tempo em que se imbrica contraditoriamente com ele, uma vez que se casa com as próprias necessidades de consumo, de (re)produção de identidades sociais e da distinção sob a égide do capitalismo eletrônico-informático. (LINS, 2010, p.35).

6. Procedimentos Metodológicos

O projeto para o filme foi desenvolvido a partir de diferentes estratégias de pesquisa. Em decorrência de um levantamento bibliográfico rumei para os conteúdos disponíveis na internet. Fui ao arquivo público de Brasília. Entrei com um processo na AGEFIS, utilizando-me da lei de acesso à informação. Analisei filmes. Entrevistei e, principalmente, conversei com diversas pessoas. A base dessa investigação deu-se principalmente a partir de dois métodos de pesquisa para o filme: a entrevista e a observação. Na fase de pré-produção houve um período de procura de filmes documentais relacionados ao tema, reassistindo também outros já vistos relacionados ao tema. Tudo correndo em paralelo à necessária consulta teórica.

Dessa forma, algumas obras foram escolhidas e analisadas em seu espectro audiovisual, em narrativa, imagem, som e no seu formato em si. Valendo-me desse princípio para pesquisas e referências, construí vínculos com o tema, interpretando também minhas memórias e vivências de meus tempos áureos de rua.

Já no período de produção, o que se revelou como uma abertura de possibilidades para a pesquisa foi o campo etnográfico, principalmente em Belém. A partir das conversas e da observação desenhava-se ali uma nova pesquisa, um outro objeto de estudo e sugestões de outras abordagens. A conversa despretensiva revelou-se como método dos mais adequados, abrindo margem para abordagens sobre algo que o interlocutor demonstrava vontade de conversar, e não o contrário.

Na fase sucessiva, relacionei novamente análises audiovisuais para pensar a finalização do filme, especialmente seu detalhamento fotográfico, trilha sonora e arranjo da história. As conclusões das investigações teóricas apontaram caminhos e facilitaram a decisão de prioridades para as falas, imagens, duração e formato.

6.1 Formato e Análise Audiovisual

Quando estava ainda por definir meu objeto de pesquisa para a disciplina de Pré-projeto de conclusão de curso, analisei documentários sobre a pirataria. Compreendo que a pré-produção do filme teve início nesse momento. Assisti diversos filmes de diferentes

épocas, entre eles: Brega S.A, de Vladimir Cunha e Gustavo Godinho (2009, 100min), RIP! A Remix Manifesto de Brett Gaylor (2009, 86 min), O mundo global visto do lado de cá, do brasileiro Sílvio Tendler (2006, 89 min).

Gosto muito de como Tendler encadeia as citações no documentário, pelas dinâmicas simples de texto e referências, pela utilização de fotos e pela conciliação da imagem com a trilha sonora. Também me sensibilizou bastante o uso de cenas que chocam pela realidade, denunciando e abastecendo o fio condutor do filme. Apropriei-me, como referência, de uma cena muito marcante do filme, a qual abasteceu reflexões para esta pesquisa. Trata-se do trecho em que é abordado os temas trabalho e desemprego. No minuto 23:00, quando são mostradas as filas para emprego no Rio de Janeiro, expondo o desespero brasileiro estampado em imagens. Pessoas sendo pisoteadas em filas quilométricas para concorrer por vagas de emprego. Fiz uso de imagens cedidas e pesquisa de arquivos pela internet, o que se mostrou providencial para que existisse uma ligação direta com o que foi gravado.

No filme RIP! A Remix Manifesto de Brett Gaylor (2009, 86 min) o que mais me inspirou foi a linguagem que se alterna em curtos períodos de tempo do documental para a ficção ou o lúdico. As transições artísticas dividindo temas e contextos no decorrer do filme.

No filme Brega S.A, de Vladimir Cunha e Gustavo Godinho (2009, 100min) me inspiraram muito a estrutura narrativa e o cuidado com o retrato biográfico dos personagens. Destaco em particular a forma como é abordado o conteúdo, assumindo uma posição contrária a partir de um assunto comumente estigmatizado.

A decisão de usar as imagens com o tempo acelerado ou em câmera lenta veio no propósito de retratar os significados da temporalidade nos centros urbanos. Quando um camelô afirma que faz o seu horário de trabalho, cria uma percepção diferente do tempo dispensado ao trabalho formalizado, este que estabelece toda uma rota cultural, de rotina, de costumes, de percepções. Portanto, da consideração de prioridades pelas políticas públicas. Os personagens correm contra o tempo quando correm da AGEFIS e da polícia. Ao mesmo tempo, a responsabilidade sobre o tempo é toda dos camelôs sendo autônomos fora da institucionalidade.

A noção de tempo e espaço é compactada conforme Milton Santos. O processo histórico acelera-se. Os conflitos são atenuantes na realidade do tempo dos camelôs quando correm da fiscalização. Na desmontagem e montagem da exposição das mercadorias tempo relevante é dispensado. A zona de circulação representa também desdobramentos no

entendimento do tempo. Na Rodoviária do Plano Piloto circulam em média mais de 700 mil (marcado em 2012) pessoas por dia. Apressados, os consumidores aproveitam da possibilidade de compra rápida na rua para adquirir algum artigo necessário, como um carregador de celular, um guarda-chuva ou uma água gelada.

6.2 Camelôs e Entrevistas

Pela metamorfose desta pesquisa, posso dizer que aproximadamente 70% do que foi gravado em entrevista não foi usado na versão do projeto que será apresentado à Universidade. As entrevistas foram a parte mais complexa desse trabalho. Antes de chegar ao recorte dos camelôs da Rodoviária do Plano Piloto, visitei outros centros comerciais em que a economia popular informal tece suas redes, como o mercado Ver-o-Peso em Belém do Pará e a Feira dos Importados de Brasília.

Muito do que foi produzido foi captado por mim mesmo, o que dificultava a tarefa desenvolvida concomitantemente de entrevistador. As entrevistas que fiz com apoio de cinegrafistas ocorreram mais tranquilamente, pois nesses momentos pude me concentrar mais propriamente no ato de perguntar. Notadamente, cada gravação apontava um novo caminho a ser percorrido e também pontos de encontro na reflexão sobre trabalho, informalidade e pirataria. A matéria prima do projeto de filme foram as captações de entrevistas à primeira vista, que se mostraram realmente como uma aventura, um encontro imprevisível, incorporando performances e comportamentos relacionados aos camelôs.

A falta de pré-entrevistas pode ser bastante criticada no desenvolvimento do filme. Porém, o formato audiovisual previsto permitiu que isso ocorresse. Formulei assim uma opção estilística, inspirado nos métodos de entrevista mais próximos ao que faz Eduardo Coutinho. No livro *Roteiro de Documentário* de Sérgio Puccini um tópico é dedicado a esse grande documentarista brasileiro. Em trecho, Puccini comenta: “A preocupação de Coutinho é com a verdade que nasce durante a filmagem, de um personagem que se constrói diante dele. O momento da entrevista marca sempre um primeiro encontro entre Coutinho e seus interlocutores” (PUCCINI, 2012, p.71) Dessa forma é importante fazer um bom trabalho no aqui e agora, Fernão Ramos destaca o valor da tomada, e como ela caracteriza o documentário moderno:

A atração pela indeterminação radical da tomada, que funda o estilo do cinema direto, transforma-se no momento reflexivo de novo campo ético. Não existe ambiguidade na presença do sujeito-da-câmera na tomada, existe ação, intervenção, embate, movimentos que o sujeito-da-câmera acompanha e provoca. Ramos (p.14. [2012]).

Por mais que não se pretenda estilisticamente a verossimilhança documental, muito menos aproximar-se dos aprisionamentos conceituais do documentário clássico para filmar a realidade, uma tomada satisfatória, que corresponda em representação ao acontecimento não filmado, é fator fundamental à produção, a preocupação com a ambientalização desse sujeito-da-câmera que trata Ramos, para com ética, mostrar ou dar pistas do processo nos diferentes contextos de captação.

Ramos fala sobre a noção da realidade na perspectiva do cinema:

Ao localizar o documentário no eixo de uma visão inocente da representação da realidade, carregada com o viés especular, transfere-se para fora deste campo, o universo da representação, que traz em si um posicionamento moderno, contemporâneo, do sujeito em interação com o mundo que lhe é exterior, constituindo e dando ensejo à atividade de representação. (Ramos. 2008 p.4)

Dessa forma busca-se inspiração na corrente audiovisual que se propõe a reunir e valorizar sentidos simbólicos, e dessa forma assumir que, o que se grava em circunstâncias percebidas são na verdade representações. Afim de dar importância às relações de produção de conhecimento na confecção do filme experimentou-se a conciliação do diretor-montador, então o diretor remonta, experimenta, rearranja e reinterpreta pensando no que foram as entrevistas, as observações, e a vivência.

O ato de entrevistar uma pessoa sem intimidade sempre será invasivo. Mais ainda, para tratar de assuntos como pirataria e ilegalidade. Existe um estigma social em torno da pirataria, construído com base nos discursos hegemônicos midiáticos, moralistas e normativistas. Atualmente, uma câmera ligada e apontada para alguém representa invasão de privacidade, mesmo que vivamos em um mundo cada vez mais cheio delas. Elas representam em si um mecanismo de provas e também de provações, na perspectiva de Coutinho.

O fato é que a simpatia e a aproximação com o entrevistado são algo que deve ser objeto de especial atenção do entrevistador. Assim, o período que antecede as entrevistas é marcado por ações motivadas a aproximar, de forma a gerar a comunicação esperada. Por conseguinte, as respostas obtidas em entrevista também revelam mais do que seu mero conteúdo literal. Representam um recorte eleito pelo entrevistado, incorporando variáveis culturais e simbólicas associadas ao método adotado. Nesse sentido, foi uma superação a construção de atmosferas de confiança e de sinceridade com personagens que vivem uma realidade distante daquela inerente ao pesquisador.

6.3 Ver-o-Peso Belém (PA)

A tradicional feira do Ver-o-Peso é caracterizada pela intensa circulação e pelo convívio social. Vínculos territoriais tecem um complexo de relações sociais e manifestações culturais próprias dessa localidade. O Ver-o-Peso tem sua formação associada às origens do Brasil e de Belém do Pará. Como é descrito no site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

Inaugurada em 1625, no antigo Porto do Pirí, a Casa de “Haver o Peso” - inicialmente era apenas um posto de aferição de mercadorias e arrecadação de impostos - viria a constituir um grande mercado aberto. O conjunto arquitetônico e paisagístico foi reconhecido pelo Iphan, em 1977. No século XVIII, Belém era o maior entreposto comercial da região, sendo o centro de comércio de produtos oriundos da extração da Floresta Amazônica destinados aos mercados locais e internacionais, e o principal ponto de chegada dos produtos europeus para suprir o mercado regional. Foi esse movimento intenso de comércio de produtos que deu origem ao Ver-o-Peso.

Outro fenômeno histórico que nos ajuda a observar suas características territoriais é o período da Bela Época no Brasil, com a construção de *boulevares*, mercados, centros culturais:

Ao longo do tempo, sofreu diversas modificações, inclusive para se adaptar à necessidade e gostos da *Belle Époque*, período de cultura cosmopolita que, segundo alguns autores, marcou o fim do século XIX e durou até à 1ª. Guerra Mundial. Nesse período, o Ver-o-Peso passou por uma grande reforma, inclusive com a construção do Mercado de Ferro (ou de Peixe) e do Mercado Francisco Bolonha (ou de Carne). (IPHAN, [2014?]).

No segundo dia em Belém do Pará, o camarada Fabricio, conhecido como Vj Lobo, passou às 8h da manhã na Universidade Federal do Pará, onde eu estava acampado no

Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação (ENECOS 2018), para me buscar. Acordei às 7h20min para arrumar os equipamentos antes da primeira saída ao Ver-o-Peso, tradicional feira ao ar livre no centro de Belém. Lobo comentou que estávamos saindo tarde. Quando lá chegamos, tivemos a confirmação. Eram cerca de 9h da manhã e a maioria dos camelôs já tinha ido embora ou estava desmontando suas bancas. Esses trabalhadores acordam muito de madrugada, pois, na feira, o movimento atinge seu ápice no período mais cedo, do período da manhã.

Eu estava em um ambiente até então desconhecido, sozinho e em busca de personagens que permitissem a captação de suas histórias. Nesse contexto, uma postura importante era o “jogo de cintura” do pesquisador. Assim, precisei apurar a articulação de diálogos nas ruas, para além da técnica, de forma a realizar a ambientação do pesquisador para chegar a alguns entrevistados e tratar de assuntos supostamente polêmicos ou controversos.

Dos métodos de abordagem o que mais funcionou na aproximação com os sujeitos foi agir primeiro como provável cliente, iniciando uma conversa despreziosa. Dessa forma, comprei diversos CD's e DVD's. Muitos sujeitos preferiram não falar. Em Belém a minha sorte foi que, em poucas saídas que consegui realizar, houve um ótimo rendimento, dando origem a um material curto, mas muito representativo, ainda que com falhas ou faltas no completo da obra.

Em razão do fato de entrevistar poucas pessoas e de ter tempo curto, pois fiquei apenas 8 dias no Pará e adoeci no quarto dia de viagem, ficando impossibilitado de entrevistar personagens sugeridos pelos camelôs, como também pelo problema da ausência de mulheres nesta parte do projeto, optei por realizar uma outra produção posteriormente à conclusão do curso com enfoque no Ver-o-Peso.

Deve-se destacar que grande parte das perguntas feitas durante as entrevistas relacionavam-se às atividades desenvolvidas no local. Em meu roteiro mental, estrategicamente, ordenava perguntas sobre pirataria para serem realizadas mais ao final da conversa. Dos sujeitos que conversei, os mais antigos começaram a trabalhar na feira vendendo sacos e sacolas de mercadorias, como as utilizadas para fazer transporte no mercado

de peixe. Dos ambulantes que conversei em Belém nenhum criticou a fiscalização ou a repressão aos seus trabalhos.

Na tradicional feira do Ver-o-Peso, que funciona ao ar livre em Belém, pude sentir a energia da cidade com mais de 400 anos. Observei e ouvi de diversas pessoas, como da avó de uma amiga e de um taxista, insatisfações sobre o descaso com a cidade, que vive violências crescentes.

Nesse sentido, Brasília afigura-se como o contrário de Belém, pois é higienizada, nos sentidos espacial, normativo e urbanístico. Em Belém, a organização urbana se deu mais organicamente, de forma aparentemente descontrolada. O que me chamou bastante a atenção nesse primeiro momento de entrevistas foram as desigualdades entre as realidades de Brasília e de Belém, especialmente as diversidades decorrentes do planejamento da Capital Federal. Além disso, vale mencionar as impressões acerca da desproporção entre a estruturação das duas cidades, visto que uma delas é a Capital Federal, contando com aporte de recursos oriundos de fundo constitucional que a colocam em situação privilegiada frente à maioria das outras cidades brasileiras. Em contraponto, a agência de notícias do IBGE publicou em seu site acerca de Belém:

Apresenta 67.9% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 22.3% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 36.1% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). Quando comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 1 de 144, 90 de 144 e 1 de 144, respectivamente. Já quando comparado a outras cidades do Brasil, sua posição é 1465 de 5570, 5058 de 5570 e 920 de 5570, respectivamente. (IBGE, 2017).

A respeito do salário médio mensal naquela cidade paraense em 2016 era de 3.5 salários mínimos para os trabalhadores formais.

A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 29.7%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 2 de 144 e 2 de 144, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 67 de 5570 e 486 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 39% da população nessas condições, o que o colocava na posição 139 de 144 dentre as cidades do estado e na posição 2870 de 5570 dentre as cidades do Brasil. (IBGE, 2017).

De outro lado, a história de Belém do Pará revela os primórdios de Brasil, como foi publicado pela prefeitura daquela cidade:

A história da cidade de Belém confunde-se com a própria história do Pará através de quatro séculos de formação e desenvolvimento. (...) Em 1650, as primeiras ruas foram abertas, todas paralelas ao rio. Os caminhos transversais levavam ao interior. Era maior o desenvolvimento para o lado Norte, onde os colonos levantaram as suas casas de taipa, dando começo à construção do bairro chamado de Cidade Velha. (IBGE, 2017).

Assim, em Belém, é grande a quantidade de camelôs pelas ruas, de pessoas trabalhando com condições adversas em contextos informais. A ausência de emprego formal é fator relevante e estruturante para a (des)organização do mercado de trabalho. No Brasil, esse fator vai além do que é discriminado em estatísticas de pesquisa. Os camelôs representam o mercado verdadeiramente popular, com margem para negociações de preços, firmamento de redes de trabalhadores, democratização do trabalho e consumo. Nesse sentido, lembro uma curiosa fala de Sandro, camelô há mais de 30 anos no Ver-o-Peso: “É como eu digo, o melhor emprego que tem aqui em Belém pra trabalhar é de autônomo.”

No centro de Belém, consegui gravar entrevistas curtas de aproximadamente 5/10 minutos com 6 autônomos. O pudor dos feirantes em relação a mostrarem sua identidade para a câmera em Belém mostrou-se menor do que em Brasília, talvez pela distinção do rigor na fiscalização, que também pode ser interpretada como repressão, em cada uma das cidades. A fiscalização para esse tipo de trabalho é levada de outra forma em Belém. O governo local faz “vista grossa” em relação ao trabalho de camelô, segundo se extrai dos depoimentos tomados.

Em Belém, identifica-se como característica comum, que vários sujeitos, que iniciaram suas vidas profissionais com muita dificuldade, conseguiram, através da atividade de camelô, um progresso relevante em suas vidas, estruturando seus projetos de casa própria e investimentos ligados a família, como educação. Nessa linha, a venda de sacolas em Belém representou para Sandro e Moisés, camelôs do Ver-o-Peso, uma iniciativa de negócio próprio, fundamentando seus próprios projetos, negócios ou carreiras. É o que nos conta Sandro: “Eu vendia saco no mercado de peixe, aí comecei vender comida pro lado de cá. Conheci um cara que vendia lanche aí ele mandou eu vender a batatada aqui na rua, quando eu cheguei aqui tinha um bocado de ‘moleque’ vendendo sacola. Eu já larguei a batatada pra lá e fui vender sacola, aí até hoje estou aqui nessa rua. E complementa: Tem gente que diz que nunca viu camelô com filha na faculdade. Eu sou camelô né, minha filha está na faculdade, duas ainda.

Devo mencionar que precisei ter o cuidado de apresentar o assunto objeto das entrevistas de forma que os personagens fossem fígados pelo pertencimento. Assim, o roteiro de entrevistas orientava a conversa para os projetos pessoais, para as vivências e opiniões desses sujeitos muitas vezes injustiçados, desenhando-se a partir daí, a pesquisa.

6.4 Rodoviária do Plano Piloto (DF)

*"O estuário em que palpitará a vida de Brasília, na sua expressão de progresso, grandeza e força pioneira, a serviço do Brasil."*²

A Rodoviária do Plano Piloto foi inaugurada em setembro de 1960, tendo como proposta urbanística criar um ponto central do transporte público, um encontro entre vias arteriais da cidade, aproximando atividades culturais à sua localização. Para visitar a maioria das localidades de Brasília que são “cartões postais” da cidade, você precisa passar ou desembarcar na Rodoviária do Plano Piloto que é um dos mais representativos espaços sociais populares do centro. O intenso fluxo de pessoas no terminal rodoviário condicionou, na produção do filme, o som, que se configurou muito volumoso e muito intenso, bem assim a equipe ágil e reduzida (1,2 ou 3 pessoas). A iluminação na maioria das saídas para gravação era muito incidente no horário de aproximadamente 12h e 13h, o que também impactou nas filmagens, na medida em que a maioria dos camelôs chega na plataforma superior após o almoço.

Em Brasília, a repressão encarada pelos personagens foi tema tratado por quase todos os ouvidos. O símbolo da esperança no projeto é abastecido pelas propostas de resolução para os problemas da fiscalização trazidas por diversos autônomos. Um exemplo é a ideia da regularização de um espaço em que pudessem pagar uma taxa menor para que trabalhem sem problemas com a fiscalização. É o que pontua Rosilene Melo, trabalhadora informal da rodoviária há 20 anos. Perguntei se ela gostava de trabalhar ali, havendo ela respondido assim: “Eu trabalho aqui há 20 anos e eu gosto, mas justo é que a gente tivesse uma área que pudesse pagar uma taxa de vida pro governo.”

² Mensagem da placa de inauguração da obra da Rodoviária do Plano Piloto segundo Wikipédia, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rodovi%C3%A1ria_do_Plano_Piloto.

Cogita-se que, falar sobre a realidade da pirataria poderia ter levado alguém a ter problemas com a fiscalização. Então, houve cuidado para realizar as entrevistas da melhor forma. Quando fui às ruas conversar e observar a realidade do trabalho informal, durante diversas conversas e entrevistas, aconteciam interrupções pelo corre-corre da fiscalização. Era notável, durante os diálogos, a insegurança dos personagens frente à possibilidade de serem surpreendidos pela fiscalização. Os ouvidos dos ambulantes sempre estavam atentos às vozes dos colegas de profissão e a fuga, quando vinha a fiscalização, era sempre antecipada por gritos e assobios. A intensa movimentação neste centro rodoviário traz dinâmicas próprias, particulares e coletivas por parte dos camelôs.

A pesquisa de campo em comunicação encarada por mim apresenta diversos argumentos de subjetividades, importâncias culturais e simbólicas e considera diversas instâncias da comunicação, como no estudo de Fernanda Martinelli, observando a pesquisa em comunicação para muito além do discurso da mídia:

É pensar os sistemas de comunicação e de informação concebidos em sua acepção mais ampla; pensar o mundo e as culturas e interpretar os sistemas simbólicos que estruturam linguagens, transmitem mensagens, constroem identidades, sinalizam hierarquias, demarcam diferenças e produzem conflito. Explorar essas dimensões e incorporar os imprevistos da pesquisa de campo como algo relevante na interpretação das ações sociais possibilita apreender novas complexidades do campo da comunicação. (MARTINELLI, 2012, p.17)

A partir de um olhar etnográfico sobre os sujeitos entrevistados, é perceptível que projetos individuais relacionam-se com projetos que são coletivos, conforme Gilberto Velho. Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. (VELHO, 1994, p.46).

Observando Sandro, camelô entrevistado no Ver-o-Peso, nota-se esse compartilhamento de projetos em seu contexto específico. Ele começou trinta anos atrás trabalhando para um comerciante vendendo batatas. Trabalhando na rua encontrou meninos vendendo sacolas, algo que marcou a decisão de deixar de vender a batatada e ir vender sacolas por conta própria. Grandes inspirações para o filme vieram dessa pessoa tão emblemática, orgulhoso de sua profissão contou-me o que conseguiu realizar na vida, como o ensino das filhas, um quartinho, a família. Todo misticismo, tradicionalidade, espiritualidade

e organicidade da cultura amazônica se misturam no Ver-o-Peso, um símbolo “cartão postal” do Pará. Os camelôs mais antigos evocam essa cultura tradicional nos vínculos com o Ver-o-Peso, Sandro e Moisés orgulham-se de encarar a profissão com dignidade, certa estabilidade e estruturação. Ambos iniciaram seus negócios vendendo sacos e sacolas de mercadoria na feira.

6.5 Pré-Produção

Na fase de pré-produção deste trabalho eu ainda não tinha o assunto que queria tratar bem definido. Planejei e realizei diversas entrevistas que não usei neste projeto. Iniciei o trabalho desenvolvendo uma espécie de roteiro de intenções, no qual continha ideias de cenas, mas também temáticas, caminhos narrativos que foram, em sua maioria, abandonados. Uma recomendação importante que a minha orientadora Fernanda Martinelli apontou no início desse processo foi produzir o roteiro de perguntas antes de qualquer coisa. Ganhei tempo para avançar nas leituras e, assim, pude desenvolver uma experiência vivenciada em Belém primeiramente, para depois gravar em Brasília. Após a definição do recorte documental que faria, isso no retorno de Belém à Brasília, fui às ruas e conversei e entrevistei os trabalhadores informais daqui.

No Pará, com os trabalhadores informais que encontrei na rua, não existiu nenhum tipo de pré-entrevista. Lá, as entrevistas foram, de fato, à primeira vista. Já em Brasília, os personagens com quem foi realizado um trabalho de pré-entrevista são atuantes na Feira dos Importados de Brasília, a saber Ricardo e Alexandre. Eu já conhecia a banca do Ricardo e já tinha ido várias vezes para instalar programas. Em uma dessas visitas, conversamos sobre este projeto e, na semana seguinte, gravamos. Foi essa a primeira entrevista para o filme.

O Alexandre foi um dos personagens em que mais investi tempo e conversa. Seu telefone funcionava raramente e eu marcava presença em sua banca sempre nos finais de semana. Nesse caso, conversamos muito antes de gravar. Quando ele notou que meu prazo estava se apertando, combinamos um dia antes e gravamos em meio à grande movimentação em sua loja. Apesar dessas coletas, optou-se por utilizar-se no filme apenas um trecho da entrevista de Alexandre.

No caso da Rodoviária, as saídas não foram acompanhadas do trabalho de pré-entrevista. Quando fiz a saída somente com gravador de mão foi muito mais fácil conseguir que os entrevistados aceitassem a conversa, o que revelou a relação de desconforto com a câmera de filmagem. Essa saída serviu de aprendizado e foi uma abertura, também, para que eu retornasse com a câmera depois. Assim, com calma, pude me aproximar dos entrevistados, que me concederam novas entrevistas.

6.6 Produção

Exponho aqui que todo o material usado para a primeira versão do filme foi gravado em Brasília. Porém, descrevi no memorial a experiência de produção e aprendizagem colhidos a partir da minha ida ao Pará.

O trabalho de produção na cidade de Belém ficou concentrado em mim, como pesquisador, cinegrafista, microfonista e entrevistador. Foi realmente um desafio minha primeira viagem ao Pará. Sem conhecer a cidade, me aventurei indo para diferentes pontos de transporte público com os equipamentos (câmera, tripé, gravador e microfone) ao encontro dos meus entrevistados. Os primeiros dias em Belém me revelaram um contexto especial para a temática da minha pesquisa quando conheci o mercado tradicional Ver-o-Peso, uma localidade representativa de Belém. Ali vi que o trabalho informal permeia a realidade da cidade de uma forma que não imaginava. Nunca havia observado antes um aglomerado informal tão volumoso. Adoeci 3 dias após chegar em Belém do Pará. Nos primeiros dias, visitei o Ver-o-Peso e tudo foi gravado nestes poucos dias na cidade velha de Belém. Foi de importante apoio na produção do projeto em Belém, Fabrício ou VJ Lobo como é conhecido, que me buscou na Universidade Federal do Pará (UFPA) local em que fiquei acampado por alguns dias. Ele me relatou o básico da dinâmica da cidade, descrevendo possíveis pontos interessantes para visitar. Fomos ao ECAD e ao Ver-o-Peso. Além disso, abriu a sua casa para gravar sua entrevista e para um almoço acompanhado de açaí. A casa da Dona Naíde da família Brasil, em que fui acolhido e passei alguns dias doente, foi um abrigo essencial para o desenvolvimento dessa pesquisa. Na rua, de câmera na mão, os planos fotográficos foram adaptados às circunstâncias. Em Belém, os planos ficaram entre o plano médio e o fechado. Usei um microfone unidirecional chinês e o resultado ficou bem interessante. Um microfone muito utilizado para entrevistas em documentário é o microfone lapela/condensador, mas o unidirecional permitiu aos entrevistados se movimentarem livremente, além de criar a

ambiência diferenciada para as falas e os ruídos locais em razão da proximidade com o microfone.

Em Brasília, o trabalho de produção iniciou-se em 16 de setembro de 2018, quando gravei entrevista com Alexandre, na Feira dos Importados acompanhado da assistência da Daphne Teixeira. Já havia feito diversas visitas à feira durante o período de produção e esta entrevista foi um marco importante para a definição final do enfoque do filme e para o redirecionamento da locação para a Rodoviária. Alexandre trabalha vendendo CD's e DVD's por um valor justo em uma banca na Feira dos Importados. Ele não é propriamente camelô, mas se identifica com a realidade de fiscalização e demais preocupações dos trabalhadores informais. No mais, todas as saídas foram para a Rodoviária por volta das 11h até 13h30min, aproximadamente.

Enumero, ao menos, 10 saídas. Entre elas, tive saídas acompanhado de equipe, parte de equipe e sozinho. Contei nesse período com valiosas ajudas com a parte de cinegrafia, como a do Luis Adriano Salimon, Raphael Steigleder, Maira Soares, Thales Alves. No centro de Brasília, utilizei um microfone lapela para às entrevistas. Por ser um microfone condensador, ele é bem mais sensível. O som acabou sendo prejudicado pela alta energia sonora do lugar e, mesmo com o nível de gravação baixo, o volume intenso das vozes dos personagens estourou eventualmente. A produção contou com os seguintes equipamentos: câmera Sony a6000, câmera Canon T2i, microfone lapela sony, gravador de mão sony, drone.

6.7 Pós-Produção

O período de pós-produção seguiu paralelamente às últimas captações para o filme. Inclusive a montagem de cenas ainda na fase de produção foi mostrando caminhos visuais para a história. Na fase de montagem, descartei o roteiro escrito e explorei as possibilidades do *software* para pensar a estrutura do filme. Fiz primeiros cortes dos depoimentos enquanto fazia as últimas saídas de captação. As conversas estavam frescas na memória e isso auxiliou a edição. Pensei na minha linha do tempo (onde se visualiza a montagem do filme dentro do programa de edição) como um roteiro de montagem e achei totalmente adequado para o projeto de documentário. Pude assim arranjar o filme de diferentes formas, em diferentes caminhos narrativos, experimentando e refazendo, vendo o filme nascer com diferentes significados.

A ideia de usar imagens aéreas para cobrir as falas dos personagens foi algo que surgiu no decorrer da produção. Quis usar imagens do centro de Brasília em câmera lenta, a fim de passar o sentimento urbanístico gerado por essa organização da cidade, do projeto urbanístico em fusão aos projetos pessoais dos camelôs moradores da margem da cidade.

O elemento da dramaticidade contida neste documentário, no sentido estético e narrativo, vem de depoimentos despretensiosos que se sedimentam em maiores cenas e que respeitam o tempo discursivo individual. Tento, portanto, na fase de montagem, dar vazão aos elementos trazidos pelos personagens, mesmo que hora ou outra fujam do recorte do filme.

O arco narrativo do filme segue caminhos já construídos no imaginário do cinema. Um primeiro ato define a apresentação e contextualização. Um segundo ato repleto de obstáculos e conflitos e, enfim, uma atmosfera final reflexiva e falas de esperança. Compreendo que seja de fundamental importância construir um cinema mais popular, até mesmo em sua forma de ser entendido, interpretado e reprocessado. Conservo assim uma lógica narrativa mais comum, crescente em movimento parábola. Pego como inspiração quando Sérgio Puccini escreve que “A quebra demasiada da continuidade dialógica reduz a preponderância do diálogo na consumação da tensão dramática” (2007, p.28), bem assim um curto e ótimo vídeo explicativo sobre a construção da história no documentário de Nina Roseblum, “A História” (2010).

Considerações Finais

“Mais importante do que a obra de arte propriamente dita é o que ela vai gerar. A arte pode morrer; um quadro desaparecer. O que conta é a semente.”

Joan Miró

“Alguns dirão que tal esperança jaz numa nação; outros, num homem. Eu creio, ao contrário, que ela é despertada, revivificada, alimentada por milhões de indivíduos solitários, cujos atos e trabalho, diariamente, negam as fronteiras e as implicações mais cruas da história. Como resultado, brilha por um breve momento a verdade, sempre ameaçada de cada e todo homem, sobre a base de seus próprios sofrimentos e alegrias, constrói para todos”

Rubem Alves

Considero que o trabalho desempenhado foi imensamente gratificante pelo fato de transformar em realidade um projeto próprio e original a partir das vastas possibilidades do campo de pesquisa em comunicação. Destaco o filme como um documentário ideológico, sensível às questões particulares dos camelôs. Não poderia deixar de ponderar que muitos erros nortearam acertos no decorrer do projeto. As considerações coletivas, as audições na UnBTv, as orientações da professora Fernanda Martinelli, bem como o reencontro com os personagens na fase de edição, as contribuições finais do professor Elton Bruno Pinheiro enriqueceram o projeto por completo.

O desenvolvimento da comunicação como área de pesquisa, no âmbito da universidade, precisa, cada vez mais, estar associada ao seu papel humano e humanizador, em sua ciência da observação muito além das incessantes veiculações midiáticas, do marketing comercial ou até do cinema requintado.

Decidi realizar um documentário que não tem sua sustentação narrativa em falas de especialistas ou acadêmicos, mas sim no fio condutor tecido pelos próprios camelôs, trabalhadores que mal são vistos ou ouvidos. Inspirado no que fez Eduardo Coutinho, tenho que não devemos pretender, ao produzir um filme documental, retratar a realidade. Dessa forma, este filme retrata apenas recortes de momentos específicos ocorridos na frente de uma câmera e de um entrevistador. Estes recortes contêm símbolos próprios para cada biografia e demonstram funcionamentos dinâmicos, muitas vezes conflituosos, entre o estado e os camelôs. Ademais, trazem uma reflexão sobre as atividades dos camelôs em Brasília, a cidade das distâncias regida por um estatuto normativo social rígido.

Os camelôs por questões de circunstâncias individuais estruturam o sistema global contra-hegemônico, que segundo Ribeiro não é anti-hegemônico ao passo que se aproveita das marcas do capitalismo, que acessam e comercializam mercadorias frutos da exploração produtivista, e essas mercadorias, muitas vezes, representam a subsistência de trabalhadores pais e mães de família. Baseado no excedente, a globalização perversa precariza o mercado de trabalho, as condições de trabalho e acirra as desigualdades pelo globo. Muitos desistiram de tanto procurar emprego, outros vários entendem que trabalhar na rua é mais vantajoso.

No contexto de crises ser autônomo é ser estratégico. Ser comerciante de rua é uma profissão de vários obstáculos, precisa se autovigiar, realizar bons anúncios, ter um produto atraente, possuir agilidade meio ao transito da Rodoviária. Carregar o sacolão, escolher um lugar, esticar o pano, expor as mercadorias, anunciar, vigiar, trocar o dinheiro, desmontar, avisar e correr da fiscalização. Haja esperança para quem não tem escolha nem oportunidade.

Como nós somos mídias, nossas mensagens e manifestações artísticas atingem novos espaços e adquirem diferentes relevâncias. Como comunicador e músico, trago essa fusão em forma de composição própria:

“Aumenta o poder de compra do pobre trabalhador
 Mas é pra acumular bufunfa no caixa do explorador
 Plano em que dão mais valor pro capital que pro trabalho
 Cuidado! No desfiladeiro tem cascalho
 Como vai pela sombra no meio dia do equador?
 Todo nome é bíblico. Eu também sou bíblico.
 Admiro o símbolo e me Miró em Cristo
 Símbolos julgam-se humanos
 Humanos julgam o símbolo
 E o mais difícil da modernidade
 É ser você. Se entrega e se perde
 A conveniência é a sede da falsidade
 Impede transmissões de verdades na era do led
 Prometem o que não procede, de mentiras a terra fede

Dei sorte de conhecer os periféricos, me uni aos revoltosos
Não encontro o que quero no *Black Friday*
Procuro nas rodoviárias informações piratas
Milionários liberais, vermelho de sangue na falsa bandeira da paz
Prêmios nobel entregues no *Hell*, novelas.
Instante de aflição... Neuromarketing!
Estão entrando em vossos psicológicos
Fetiches estéticos captados pelo nervo óptico
Nos chipam quando disponibilizamos os dados
Estamos segurando frouxo demais
A gavetinha dos vícios abriu
O vidro preto rachou
Instagram de ilusão de ótica
Tirem o olho da tela do meu celular!
Revelem seus papéis meu filme já queimou.”

Pedro Além.

Referências

AGEFIS, **Agência de Fiscalização do Distrito Federal**. p.9, 2017. Disponível em:<<http://www.agefis.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/AGEFIS-PDTI-2017-2020.pdf>> Acesso em 06 de nov. 2018.

Arquivo Público do Distrito Federal. **Brasília Terra de Todos Nós**. Brasília. 19?. Son., P&B.

A HISTÓRIA - Preparando escrever seu argumento de documentários. [s.i.]: Vimeo, 2010. Son., color. Legendado. Disponível em: <<https://vimeo.com/10267373>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

BELISÁRIO, Adriano. TARIN, Bruno. **Copyfight : Pirataria e Cultura Livre**. Rio de Janeiro:Beco do Azougue, 2012. Disponível em: <https://monoskop.org/images/b/b7/Tarin_Bruno_Belisario_Adrino_edo_Copyfight_Pirataria_and_Cultura_Livre.pdf> Acesso em 24 abr. 2018.

BETTIOL, M.T. **“O Trabalho Informal no Brasil: Um resgate histórico”**.In Seminário de Trabalho da Rede de Estudos do Trabalho. Anais... 2010. Disponível em:<http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Tania_Mary_Bettiol_O_trabalho_informal_no_Brasil_um_resgate_historico.pdf> acesso em 4 nov. 2018.

BREGA S/A. Direção de Vladimir Cunha e Gustavo Godinho. Produção de Teo Mesquita. Roteiro: Vladimir Cunha e Gustavo Godinho. Música: Fábio Carvalho. Belém do Pará: Greenvision Films, 2006/2009. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_7TBEJJCt0E>. Acesso em: 08 nov. 2018.

BSA. Brasil reduz pirataria de software pelo 5º ano seguido. 2012. Disponível em:<http://www.bsa.org/news-and-events/news/news-archive/2011/05062011-idc-globalpiracystudy?sc_lang=pt-BR> Acesso em 7 de nov. 2018.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 2007. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/durkheim-c3a9-as-regras-do-mc3a9todo-sociolc3b3gico.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

El SAIFI, S.; DAGNINO, R.S. **Grandes projetos de desenvolvimento e implicações sobre as populações locais: o caso da usina de Belo Monte e a população de Altamira, Pará**. Disponível em:

<<http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area7/area7-artigo19.pdf>> Acesso em 06 nov 2011.

GLOBALIZAÇÃO Milton Santos - O mundo global visto do lado de cá... Direção de Sílvio Tendler. Roteiro: Daniel Tendler, Sílvio Tendler, Claudio Bojunga. Música: Caíque Botkay. [s.i.]: Caliban Produções Cinematográficas Ltda., 2006. Son., color. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM>. Acesso em 08 nov. 2018.

GOMES, Edson. **Camelô**. 1997. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=tRDP5IAWLcM>> Acesso em 11 de nov. 2018.

IBGE. **Panorama População**. 2017. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>> Acesso em 07 nov. 2018.

IBGE. **História Belém**. 2017. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/historico>> Acesso em 07 nov. 2018.

IPHAN. **Ver-o-Peso (PA)**. [2014?] Disponível em
<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/828>> Acesso em 11 de nov. 2018.

JAKOBSEN, Kjeld. Et al. **Mapa do Trabalho Informal**, São Paulo: Persseu Abramo, 2000. Disponível em:<http://csbh.fpabramo.org.br/uploads/mapa_do_trabalho_informal.pdf> Acesso em 06 nov. 2018.

Juventude e Trabalho Informal no Brasil. 1ed. Brasília, 2015.
<<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5874/1/Juventude%20e%20trabalho%20informal%20no%20Brasil.pdf>> Acesso em 06 nov 2018.

LEI Nº 13.467, DE 13 DE JULHO DE 2017. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm> Acesso em 7 de nov. 2018.

MARTINELLI, Fernanda. **Consumo e Cultura Material: Perspectivas etnográficas**. 2012. Disponível em:
<https://dadospdf.com/download/o-original-e-o-fake-se-encontram-na-esquina-uma-etnografia-do-consumo-nas-ruas-de-ipanema-_5a4b9dc9b7d7bcab67e20936_pdf>. Acesso em: 11 dez. 2018.

MARTINELLI, Fernanda. **PIRATARIA S.A.: circulação de bens, pessoas e informação nas práticas de consumo**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:<https://www.academia.edu/1125532/Pirataria_S.A._circulacao_de_bens_pessoas_e_informacao_nas_praticas_de_consumo_-_Tese_de_Doutorado> Acesso em 06 nov. 2018.

MELLO, Aline. **Otimismo x Esperança - Rubem Alves**. 2017. Disponível em: <<http://alinegouveamello.blogspot.com/2014/12/otimismo-x-esperanca-rubens-alves.html>>.

Acesso em: 11 dez. 2018.

MOLLIER, Jean Yves. **O Camelo Figura Emblemática da Comunicação**. São Paulo: Edusp, 2009. Tradução: Fátima Murad.

NEXO, Jornal. **Qual o peso da informalidade na taxa de desemprego em 2017**. 2018, Disponível

em:<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/31/Qual-o-peso-da-informalidade-na-taxa-de-desemprego-em-2017>> Acesso em 1 out. 2018.

OIT. **Quase dois terços da força de trabalho global estão na economia informal**.

2018. Disponível em:

<https://www.ilo.org/brasil/brasilia/noticias/WCMS_627643/lang--pt/index.htm> Acesso em 01 nov. 2018.

OXFAM, Relatório. **A Distância que Nos Une, Um Retrato das Desigualdades Brasileiras**. 2017. Disponível em:

<https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio_a_distancia_que_nos_une.pdf> Acesso em 4 nov. 2018.

PESQUISA DISTRITAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS - CEILÂNDIA - PDAD. 2015. Disponível

em:<<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Ceil%C3%A2ndia-1.pdf>> Acesso em 06 nov. 2018.

Pesquisa de Emprego e Desemprego. **A inserção da mulher no mercado de trabalho no Distrito Federal**. 2018. Disponível em:

<<http://www.trabalho.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2018/02/Boletim-Mulheres-PED-DF-2018-coletiva.pdf>> Acesso em 06 nov. 2018.

PUCCINI, Sérgio. **DOCUMENTÁRIO E ROTEIRO DE CINEMA: da pré-produção à pós-produção**. Tese de pós-graduação. 2007. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/285156/1/Soares_SergioJosePuccini_D.pdf> Acesso em 06 nov. 2018.

RAMOS, Fernão Pessoa. **A 'mise-en-scène' do documentário**. [2012]. Disponível em:<<https://www.iar.unicamp.br/docentes/fernaoramos/20Mise-en-SceneSiteCineDocumental.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário.** [2008]. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Regimento Interno da AGEFIS. 2018. Disponível em: <<http://www.agefis.df.gov.br/regimento-interno-da-agefis/>> Acesso em 06 nov. 2018.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico.** 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n74/a02v2574>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O Capital da esperança: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília.** Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

RIP! A Remix Manifesto Completo e legendado em pt. Direção de Brett Gaylor. Produção de Daniel Cross Mila Aung Thwin Ravida Din Sally Bochner. Roteiro: Brett Gaylor. Música: Olivier Alary. Canada, 2008. (86 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LRw8abLSXJ8>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal.** 12ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. <http://www.geografia.fflch.usp.br/semangeo/pdf/Capitulos_do_livro.pdf> Acesso em 27 abr. 2018.

VELHO, Gilberto. **Indivíduo e religião na cultura brasileira: sistemas cognitivos e sistemas de crenças.** In: VELHO, Gilberto. **Projeto metamorfose: Antropologia das sociedades complexas.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. Cap. 3, p. 48.

WIKIPÉDIA. **Rodoviária do Plano Piloto.** 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rodovi%C3%A1ria_do_Plano_Piloto> Acesso em 11 de nov. 2018.

Apêndices

Alguns Planos Fotográficos do Filme Esperança Camelô:

Imagens por ordem: Vista geral do Drone, Planos de Entrevista, Drone vista fechada, Imagens do Arquivo Público do DF, *print* do contato com AGEFIS pela plataforma e-SIC.



Figura 1 - Plano panorâmico superior



Figura 2- Rosilene Melo entrevistada



Figura 3 - Luiz Lucena entrevistado

e-SIC
SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AO CIDADÃO

Portal de Acesso à Informação

Página Inicial | Como Usar | Ajuda | Contato | Sobre o Portal

Data de Entrada do Pedido: 08/07/2015

Estado do Pedido: [De volta ao Normal](#) | [Cancelado](#) | [Dados de Histórico](#)

Resposta

Data de Resposta: 08/07/2015

Classificação do Tipo de Resposta: Informação

RESPOSTA
O pedido de acesso à informação foi encaminhado ao órgão responsável pelo atendimento e o mesmo foi atendido em 08/07/2015. O acesso à informação foi realizado em 08/07/2015. O acesso à informação foi realizado em 08/07/2015. O acesso à informação foi realizado em 08/07/2015.

Assinatura: Rafael P. Silva 20/07/15

Assinatura: RAFAEL P. SILVA 20/07/15

Figura 4 - Resposta a respeito da solicitação feita ao e-SIC



Figura 5 - Imagem cedida pelo Arquivo Público do DF, primeiras obras em Brasília



Figura 6 - Antônio Costa entrevistado



Figura 7 - Vídeo cedido pelo Arquivo Público do DF (Brasília Terra de Todos Nós)



Figura 8 - Mirian entrevistada



Figura 9 - Cícera Alves entrevistada

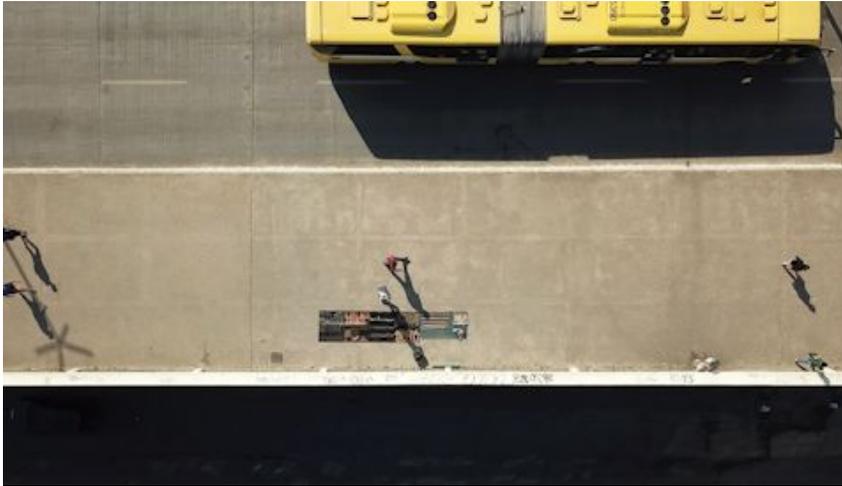


Figura 10 - Imagem aérea da plataforma superior da Rodoviária do Plano Piloto